



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Desenvolvimento psicossocial e compromisso no trabalho e na relação amorosa: Análise exploratória ao longo da vida ativa

Cristina Isabel Vaz Queiroz de Macedo

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Marques Francisco Lopes,
Professor Associado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Dezembro, 2020



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Desenvolvimento psicossocial e compromisso no trabalho e na relação amorosa: Análise exploratória ao longo da vida ativa

Cristina Isabel Vaz Queiroz de Macedo

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Marques Francisco Lopes,
Professor Associado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Dezembro, 2020

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Diniz Lopes, pela cativante proposta de trabalho, pela orientação, incentivo e partilha de conhecimento.

À minha mãe, pelo apoio discreto mas incansável, por haver inculcido em mim tamanha curiosidade e gosto pelo saber.

Aos meus irmãos, pelos incríveis exemplos de resiliência e perseverança.

Aos meus sobrinhos, pelo constante incentivo ao amadurecimento e autoconhecimento. Ao pequeno Lucas, por tornar os dias mais alegres e coloridos.

À Irina, pelos mais de 12 anos de amizade consistente e leal, pelas infindáveis palavras de encorajamento, por se manter presente mesmo na distância física.

Ao Gang, pelos laços de amizade, pelas maravilhosas memórias e por continuar a ser aconchego nos momentos de dúvida.

Ao Santiago, pelo exemplo de otimismo e determinação, pela entreatajuda, disponibilidade e bom humor em todas as situações.

A todos os outros amigos, aos que Coimbra me deu e aos que Lisboa acrescentou, por tornarem qualquer caminho mais fácil e todas as contrariedades mais simples de ultrapassar.

Resumo

O presente estudo propõe-se a explorar a relação entre o desenvolvimento ao longo do ciclo de vida na idade adulta, o compromisso na relação amorosa e no trabalho, e o equilíbrio do compromisso individual entre ambos os domínios. Para atingir esse objetivo, recorreremos às versões do Investment Model Scale (IMS; Rusbult et al., 1998) aplicadas ao relacionamento amoroso (Rodrigues & Lopes, 2013) e ao trabalho (Lopes, 2020), e ainda ao Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory (MEPSI; Darling-Fisher & Leidy, 1988). Para possibilitar o estudo integrado do compromisso em ambos os domínios, computámos o índice de match de compromisso, um indicador que reflete o nível de equilíbrio do compromisso entre domínios. Os dados foram recolhidos através de questionário individual, construído na plataforma *Qualtrics* e divulgado via Facebook e LinkedIn durante seis meses. Foi utilizada uma amostra constituída por 304 indivíduos, maioritariamente portugueses, envolvidos num relacionamento amoroso e/ou a desenvolver atividade profissional. Os resultados revelam interdependência do compromisso entre domínios, bem como diferenças ao nível do compromisso e do equilíbrio do compromisso em função do desenvolvimento psicossocial. No geral, o desenvolvimento psicossocial demonstra um impacto mais direto no compromisso no trabalho e um impacto mais indireto no compromisso no relacionamento amoroso. Indivíduos no estágio intimidade versus desespero tendem a reportar níveis mais elevados de compromisso no relacionamento amoroso, enquanto os indivíduos no estágio generatividade versus estagnação apresentam níveis de compromisso no trabalho superiores, sendo frequente o desequilíbrio do compromisso entre domínios. Os resultados são discutidos atendendo às suas implicações teóricas e futuras.

Palavras-chave: Desenvolvimento Psicossocial; Compromisso no Relacionamento Amoroso; Compromisso no Trabalho; Índice de Match de Compromisso

Códigos de Classificação da APA:

2840 Psychosocial & Personality Development

3650 Personnel Attitudes & Job Satisfaction

Abstract

This study aims to explore the association between psychosocial development through the lifespan in adulthood, commitment to the job and within romantic relationships, and the balance of individual commitment between job and romantic relationships. To achieve this goal, we used the Investment Model Scale (IMS; Rusbult et al., 1998) applied to romantic relationships (IMS; Rusbult et al., 1998) and to the job (Lopes, 2020), as well as the Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory (MEPSI; Darling-Fisher & Leidy, 1988). In order to integrate the study of commitment in both domains, we computed the commitment match index, a variable that reflects the level of balance between domains. Data were collected through an individual questionnaire, built on Qualtrics and shared via Facebook and LinkedIn for six months. The used sample consisted of 304 individuals, the majority of whom Portuguese, were involved in a romantic relationship and/or were employed at the time of participation. Results show interdependence of commitment between domains as well as differences in both commitment and balance of commitment as a function of psychosocial development. In general, psychosocial development shows a more direct impact on job commitment and a more indirect impact on commitment within romantic relationships. Individuals on intimacy versus isolation stage tend to report higher levels of commitment within the romantic relationship, while individuals in the generativity versus stagnation stage show higher levels of job commitment, with the imbalance in commitment between domains being a frequent occurrence. Results are discussed pertaining to their theoretical and future implications.

Key words: Psychosocial Development; Commitment within Romantic Relationships; Job Commitment; Commitment Match Index

APA Classification Codes:

2840 Psychosocial & Personality Development

3650 Personnel Attitudes & Job Satisfaction

Índice

Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	ix
Introdução	1
Capítulo 1. Enquadramento Conceptual	3
1.1 Desenvolvimento Humano e Teoria Psicossocial de Erikson	3
1.2 Compromisso e Modelo de Investimento de Rusbult	12
1.2.1 Compromisso nos Relacionamentos Amorosos	15
1.2.2 Compromisso no Trabalho	17
1.3 Match de Compromisso e Relação Trabalho-Família	18
1.4 Desenvolvimento e Compromisso: Que Associações?	20
Capítulo 2. Objetivos	23
Capítulo 3. Metodologia	25
3.1 Amostra	25
3.2 Instrumentos	26
3.2.1 Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory (MEPSI)	26
3.2.2 Investment Model Scale – Short Version (IMS-S)	27
3.2.3 Investment Model Scale – Work Version (IMS-W)	28
3.2.4 Questionário Sociodemográfico	28
3.3 Procedimentos Estatísticos	28
Capítulo 4. Resultados	31
4.1 Análise da Consistência Interna	31
4.2 Análise Descritiva do Índice de Match de Compromisso	33
4.3 Análise de Correlações	33
4.4 Comparação do Compromisso e Antecedentes na Relação Amorosa e no Trabalho	36
4.5 Comparação do Compromisso, Antecedentes, e Índice de Match de Compromisso em Função do Desenvolvimento Psicossocial	37
4.6 Análise de Frequências do Índice de Match de Compromisso em Função do Desenvolvimento Psicossocial	40
4.7 Análise do Impacto do Desenvolvimento Psicossocial no Compromisso e no Índice de Match de Compromisso	4

Capítulo 5. Discussão	49
Capítulo 6. Conclusões	57
Referências	61
Anexos	69

Índice de Tabelas

Tabela 1. Medidas Descritivas e Consistência Interna do MEPSI, do IMS-S e do IMS-W	32
Tabela 2. Frequências das Categorias do Índice de Match de Compromisso na Amostra Total	33
Tabela 3. Comparação do Nível de Compromisso e Seus Antecedentes na Relação Amorosa e no Trabalho	37
Tabela 4. Comparação do Nível de Compromisso, Seus Antecedentes, e Índice de Match de Compromisso Entre Níveis de Desenvolvimento Psicossocial	38
Tabela 5. Comparação do Nível de Compromisso e Seus Antecedentes Entre Faixas Etárias	39
Tabela 6. Frequências Absolutas e Relativas das Categorias do Índice de Match de Compromisso em Diferentes Faixas Etárias	40
Tabela 7. Coeficientes de Regressão do Compromisso na Relação no Score Global do MEPSI	42
Tabela 8. Coeficientes de Regressão do Compromisso na Relação nos Scores das Subescalas do MEPSI	43
Tabela 9. Coeficientes de Regressão do Compromisso no Trabalho no Score Global do MEPSI	44
Tabela 10. Coeficientes de Regressão do Compromisso no Trabalho nos Scores das Subescalas do MEPSI	45
Tabela 11. Coeficientes de Regressão do Índice de Match de Compromisso no Score Global do MEPSI	46
Tabela 12. Coeficientes de Regressão do Índice de Match de Compromisso nos Scores das Subescalas do MEPSI	47

Glossário de Siglas

EPSI – Erikson Psychosocial Stage Inventory

IMS – Investment Model Scale

IMS-S – Investment Model Scale – Short Version

IMS-W – Investment Model Scale – Work Version

MEPSI – Modified Erikson Psychological Stage Inventory

MIR – Modelo de Investimento de Rusbult

RMH – Regressão Múltipla Hierárquica

Introdução

De acordo com Erikson (1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997), o desenvolvimento é função da interação entre maturação e socialização. Neste sentido, não apenas as nossas características individuais e trajetórias desenvolvimentais são moldadas pelas experiências relacionais que temos (Reis et al., 2000; Reis & Rusbult, 2004), como, em todas as idades, influenciamos o nosso próprio desenvolvimento na medida em que nos envolvemos nos vários contextos que integramos (Kuther & Burnell, 2019).

Nas diversas dimensões da vida adulta, assumimos papéis que delimitam vários aspetos da nossa experiência, desde logo ajudando a definir quem somos, o que fazemos, com quem e de que forma interagimos, ou como fazemos uso do nosso tempo (Frone, 2003). A relação amorosa e o trabalho são dois contextos particularmente relevantes – não apenas porque lhes dedicamos grande parte do nosso tempo (Reis & Rusbult, 2004) mas, sobretudo, pelo compromisso que geralmente implicam (Frone, 2003).

Neste âmbito, o compromisso é considerado um constructo psicológico crítico, que demonstra influenciar cognições, motivações e comportamentos centrais a ambos os contextos (Le & Agnew, 2003; Tran et al., 2019). De entre as diferentes abordagens teóricas, o modelo de investimento de Rusbult (MIR; Rusbult, 1980, 1983) é aquele que maior produção empírica tem gerado sobre o compromisso (Rusbult et al., 2006), mostrando grande robustez (Le & Agnew, 2003; Tran et al., 2019).

Mais recentemente, os esforços dos investigadores têm visado a expansão da aplicabilidade do MIR e a exploração da associação do compromisso a novas variáveis, no sentido de potenciar a capacidade preditora do modelo (Le & Agnew, 2003). Alinhada com esta tendência, a presente investigação foca o equilíbrio do compromisso entre contextos e explora a importância do desenvolvimento individual na experiência de compromisso.

Para tal, recorrendo às versões do Investment Model Scale (IMS; Rusbult et al., 1998) aplicadas aos relacionamentos amorosos (Rodrigues & Lopes, 2013) e ao trabalho (Lopes, 2020), e ainda ao Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory (MEPSI; Darling-Fisher & Leidy, 1988), pretende-se, com esta investigação, explorar a associação entre desenvolvimento psicossocial, compromisso e equilíbrio do compromisso em dois contextos – o relacionamento amoroso e o trabalho –, para, deste modo, lançar pistas úteis à compreensão do compromisso e do desenvolvimento de indivíduos adultos, ao longo da sua vida ativa e na interação entre dimensões centrais da experiência humana.

A presente dissertação encontra-se organizada em seis secções. Inicia-se com o enquadramento conceptual, no qual consta uma revisão da literatura mais relevante dos temas em apreço, seguida pela definição dos objetivos do estudo e da metodologia utilizada para os alcançar, após o que são expostos os resultados obtidos e realizada a sua discussão; por último, são tecidas considerações finais.

CAPÍTULO 1

Enquadramento Conceptual

1.1 Desenvolvimento Humano e Teoria Psicossocial de Erikson

Originalmente, uma abordagem desenvolvimental pressupunha o foco nos primeiros anos de vida mas, com os contributos de Erik Erikson, Carl Jung, entre outros, a *psicologia do ciclo de vida* (i.e., o estudo do desenvolvimento humano desde a conceção até à morte) foi ganhando espaço (Dacey et al., 2008), sendo reconhecida enquanto disciplina de estudo com a publicação da primeira revisão sobre o tema na revista científica *Annual Review of Psychology*, em 1980 (Sugarman, 2001). Atualmente é aceite a premissa de que o desenvolvimento não cessa com o alcançar da idade adulta, sendo antes um processo que decorre ao longo de toda a vida e para o qual cada idade (i.e., infância, adolescência, idade adulta, e terceira idade) contribui de acordo com uma agenda desenvolvimental (Dacey et al, 2008).

Partindo da teoria do desenvolvimento psicosexual de Freud, Erikson (1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997) buscou uma perspetiva diferente do desenvolvimento humano e, com base nas suas observações clínicas e nos seus estudos aprofundados com indivíduos de diferentes culturas, propôs a teoria do desenvolvimento psicossocial. Para o autor, o indivíduo é um ser biopsicossocial e o seu desenvolvimento decorre das interações contínuas que estabelece com a sociedade e o momento histórico em que está inserido (Erikson e Erikson, 1997).

Erikson (1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997) apresenta o desenvolvimento humano do ponto de vista dos conflitos, internos e externos, que o sujeito experiencia à medida que as suas capacidades se diferenciam (em função da maturação física, cognitiva e social) e o seu raio social¹ se expande, organizado-os em oito estádios distintos.

Obedecendo ao princípio epigenético², o desenvolvimento opera-se, então, na sucessão de oito etapas numa ordem predefinida ao longo do tempo (Erikson, 1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997). Reconhecendo e dando espaço a variações culturais e idiossincráticas na resolução de cada estádio, o autor não especificou intervalos etários para os diferentes estádios de desenvolvimento³.

Em cada estádio, o indivíduo é confrontado com a necessidade de gerir uma *crise*, definida pelo autor como “um ponto de viragem, um período crucial de vulnerabilidade aumentada e potencial acrescido”

¹ Corresponde ao “número e tipo de pessoas a quem o indivíduo pode responder de forma significativa” (Erikson, 1968, p. 104).

² Afirma que “tudo o que cresce tem um plano base, e . . . a partir deste plano base as partes ascendem, cada parte tendo o seu tempo especial de ascensão, até que todas as partes tenham ascendido para formar um todo funcional” (Erikson, 1968, p. 92).

³ Por forma a facilitar a compreensão teórica e a orientar a futura análise e interpretação de dados, na presente investigação foram utilizados os intervalos etários propostos por Dacey et al. (2008), discriminados mais à frente.

(Erikson, 1968, p. 96). Cada crise, operacionalizada por uma antítese com dois polos opostos, representa o desafio da integração das exigências desenvolvimentais e sociais específicas da respetiva etapa, e a sua resolução deve ser pensada como um contínuo, um equilíbrio entre o polo negativo e o polo positivo, a partir do qual diferentes atitudes básicas⁴ e correspondentes atributos da personalidade se desenvolvem (Erikson, 1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997). Um equilíbrio no sentido positivo (i.e., no qual os atributos positivos se sobrepõem aos atributos negativos) ajuda o sujeito a gerir crises futuras e providencia melhores oportunidades para o desenvolvimento psicossocial bem sucedido; contudo, alguma expressão de atributos negativos é expectável e necessária ao desenvolvimento e adaptação saudável.

Assim, para se transformar num adulto maduro, cada indivíduo deve desenvolver, em grau suficiente, todas as oito virtudes psicossociais (Erikson, 1950/1993) que surgem de acordo com os seguintes estádios (Erikson, 1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997):

1. *Confiança básica versus desconfiança*. A primeira antítese do desenvolvimento humano decorre desde o nascimento até que a criança atinge um ano e meio de idade (Dacey et al., 2008). Neste estágio, a relação com a mãe e/ou outro cuidador primário é o foco central, sendo que o bebé procura coordenar as suas necessidades com a capacidade do/a cuidador/a primário/a para satisfazê-las; da qualidade desta relação, da consistência dos cuidados prestados e da continuidade das experiências familiares e previsíveis, depende o desenvolvimento de um sentido geral de confiança que constitui a fundação do sentido de identidade da criança (Erikson, 1950/1993, 1968). Sendo essencial à sobrevivência humana, este *sentido de confiança básica* existe, em maior ou menor grau, em cada indivíduo (Erikson & Erikson, 1997) e implica que este aprenda a depender e confiar nos outros e também em si mesmo e na sua capacidade para gerir os próprios impulsos (Erikson, 1950/1993, 1968). Um rácio positivo entre confiança e desconfiança favorece o desenvolvimento da primeira virtude psicossocial – a *esperança*, que o autor acredita ser a base de todas as forças psicossociais futuras (Erikson, 1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997) e que define como “predisposição duradoura para acreditar na realização dos desejos primordiais” (Erikson, 1968, p. 106). Por outro lado, quando se observe a prevalência da desconfiança básica, é provável que se verifiquem perturbações na relação que o indivíduo estabelece com o mundo em geral e, em particular, com pessoas significativas; de tal modo que, na idade adulta, um comprometimento radical da confiança se expressa num distanciamento acentuado, típico de indivíduos que se retiram quando em divergência consigo próprios e com os outros (Erikson, 1968).

⁴ De acordo com o autor, “são, ao mesmo tempo, formas de experienciar acessíveis através da introspeção; formas de comportamento, observáveis por outros; e estados internos inconscientes determináveis por teste e análise” (Erikson, 1968, p. 226).

2. *Autonomia versus vergonha e dúvida.* A segunda antítese do desenvolvimento humano decorre entre os dois e os três anos de idade (Dacey et al., 2008). Nesta fase, o foco é a relação com ambas as figuras parentais e/ou eventuais adultos substitutos, procurando-se uma regulação mútua e flexível entre o necessário controlo e orientação parental e a autonomia da criança (Erikson, 1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997). Em função do grande desenvolvimento motor e cognitivo que se opera, nomeadamente ao nível da linguagem, a criança começa a explorar e a escolher, ganhando alguma autonomia. Para desenvolver a autonomia, é essencial que a criança tenha adquirido previamente um forte sentido de confiança e que as figuras parentais garantam a experiência gradual e bem orientada da exploração e da escolha (Erikson, 1968). Um rácio positivo entre autonomia e vergonha e dúvida favorece o desenvolvimento da segunda virtude psicossocial – a vontade, considerada o suporte do amadurecimento do livre arbítrio e do autocontrolo (Erikson & Erikson, 1997). Neste sentido, a *vontade*, definida como um sentido de benevolência e orgulho, desenvolve-se através da experiência repetida da autonomia em contextos nos quais o indivíduo é adequadamente salvaguardado de sentimentos arbitrários de *vergonha* (i.e., consciência de estar exposto, de ser olhado, auto-consciência) e dúvida em relação às próprias capacidades (Erikson, 1950/1993). Ao desenvolver a vontade, o indivíduo desenvolve também o sentido de autonomia e autocontrolo, e aprende a reconhecer valor e legitimidade na sua independência e autoexpressão. Por outro lado, sempre que se verifique uma prevalência da vergonha e dúvida, pelo controlo parental excessivo ou pela perda inicial de confiança, a criança experiencia um sentido de perda de autocontrolo (Erikson, 1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997). Na idade adulta, tal pode tomar a forma de medos paranoicos de perseguição e ameaças à autonomia individual (Erikson, 1950/1993, 1968). Assim, este estágio merece particular atenção no desenvolvimento psicossocial devido a três aspetos principais: (a) é nele que se opera a primeira emancipação do indivíduo, especificamente da figura materna (Erikson, 1968); (b) “torna-se decisivo para o rácio de amor e ódio, cooperação e obstinação, liberdade de autoexpressão e sua supressão” (Erikson, 1950/1993, p. 228); e (c) o seu contributo geral para a formação da identidade consiste em permitir que a criança desenvolva coragem para ser um indivíduo independente, capaz de orientar o seu futuro (Erikson, 1968).
3. *Iniciativa versus culpa.* A terceira antítese do desenvolvimento humano decorre entre os três e os cinco anos de idade (Dacey et al., 2008). Nesta etapa, as interações significativas da criança centram-se na unidade familiar (Erikson & Erikson, 1997). As suas capacidades locomotoras e comunicacionais permitem-lhe compreender e questionar acerca de inúmeros temas e, assim, desenvolver a sua iniciativa e imaginação (Erikson, 1968); do mesmo modo, permitem que estabeleça relação com os pares (Erikson, 1950/1993). O *sentido de iniciativa* vem acrescentar a

capacidade de planejar e investir na tarefa e, sendo essencial a tudo o que o indivíduo faz ou aprende (Erikson, 1950/1993), está também na base da ambição e da orientação a objetivos (Erikson, 1968). Um rácio positivo entre iniciativa e culpa favorece o desenvolvimento da terceira virtude psicossocial – o *propósito*, que podemos definir como “a direção no sentido do possível e do tangível” (Erikson, 1950/1993, p. 232) e que mais tarde permitirá traçar objetivos para a vida adulta ativa. Quando tal se observa, o indivíduo sente-se capaz de iniciar ações de acordo com os seus desejos e objetivos; por outro lado, sempre que se verifique uma prevalência da *culpa* (i.e., a sensação de ter cometido atos reprováveis, de ser intrinsecamente mau), a criança experiencia inibição dos seus desejos e vontades por considerá-los fora dos limites permitidos e aceitáveis (Erikson, 1950/1993, 1968). No adulto, a prevalência da culpa pode, no limite, ganhar forma numa autorrestricção e inibição geral que impedem o indivíduo de viver de modo a corresponder às suas próprias capacidades, sentimentos e imaginação (Erikson, 1968). Assim, a principal contribuição desta etapa para o desenvolvimento da personalidade consiste em “libertar a iniciativa e sentido de propósito da criança para tarefas adultas” (Erikson, 1968, p. 122).

4. *Indústria versus inferioridade*. A quarta antítese do desenvolvimento humano decorre entre os cinco e os 12 anos de idade (Dacey et al., 2008). Este estágio corresponde aos primeiros anos de escolaridade e é marcado pela expansão do raio social da criança para além da unidade familiar, incluindo também a comunidade escolar (Erikson, 1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997). A criança neste estágio está mais disposta a aprender e partilhar, a construir de forma cooperante e aberta, com adultos significativos ou com outras crianças (Erikson, 1950/1993). Vai procurar aprimorar e dominar conhecimentos, aptidões e tarefas culturalmente relevantes, assim desenvolvendo a perseverança e obtendo reconhecimento pelo que é capaz de produzir ou realizar (Erikson, 1968). O *sentido de indústria* corresponde ao sentido básico de “ser capaz de fazer coisas, fazê-las bem e até com perfeição” (Erikson, 1968, p. 123), enquanto que o *sentido de inferioridade* equivale a um sentimento de inadequação e incapacidade (Erikson, 1950/1993), de não ser suficientemente bom (Erikson, 1968). Um rácio positivo entre indústria e inferioridade, permite que a criança adquira tanto gosto por aprender quanto por brincar (Erikson, 1997); que tire satisfação da realização e conclusão do trabalho (Erikson, 1968); e que desenvolva a quarta virtude psicossocial – a *competência*, definida como “o exercício livre da aptidão e da inteligência na realização de tarefas sérias” (Erikson, 1968, p. 126). Por outro lado, verificando-se a prevalência da inferioridade há o risco da inércia, da paralisia da vida produtiva e do desinvestimento nas tarefas e aprendizagens (Erikson, 1950/1993) pela falta de satisfação e orgulho no próprio trabalho (Erikson, 1968). A resolução deste estágio está profundamente relacionada com o sucesso da resolução dos estágios anteriores, na medida em que o indivíduo só

se tornará produtivo, competente, capaz de reconhecer as suas próprias capacidades e de vê-las reconhecidas pelos outros, se tiver desenvolvido suficiente confiança, autonomia e iniciativa (Erikson, 1950/1993; Erikson & Erikson, 1997). O autor atribui a este estágio um peso decisivo em termos sociais já que, ao implicar realizações conjuntas e cooperantes, a indústria estabelece-se como a base da participação cooperativa na vida produtiva adulta (Erikson, 1950/1993, 1968).

5. *Identidade versus confusão*. A quinta antítese do desenvolvimento humano decorre entre os 12 e os 18 anos de idade (Dacey et al., 2008). Este estágio tem início com a puberdade e corresponde ao período entre o final da infância e o início da idade adulta (Erikson, 1968). O adolescente começa a preocupar-se com a sua autoimagem e com as incertezas acerca dos papéis a assumir na idade adulta, nomeadamente no que respeita a uma futura ocupação profissional (Erikson, 1950/1993, 1968). Este estágio ocupa um lugar central no desenvolvimento, uma vez que é nesta altura que os prerrequisitos de crescimento físico, maturação mental e responsabilidade social são alcançados, possibilitando a síntese da identidade através da recapitulação e integração dos elementos identitários prévios⁵ (Erikson, 1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997). O *sentido de identidade* corresponde, então, a um sentido de coerência criado a partir das várias autoimagens experienciadas ao longo da infância (e, possivelmente, recapituladas na adolescência), e das oportunidades de papel que o indivíduo escolhe e com as quais se compromete (Erikson, 1997). Erikson (1956) pensa a identidade enquanto imagem geral que o indivíduo tem de si mesmo e enquanto estado que procura alcançar. O *sentido de confusão de identidade e de papéis* corresponde a sentimentos de dúvida e tendência ao adiamento das escolhas associadas à definição da identidade e/ou dos papéis a assumir (Erikson, 1956). Um rácio positivo entre identidade e confusão pressupõe que o indivíduo seja capaz de delimitar a sua identidade pessoal exercendo o repúdio do papel⁶; e permite que experiencie “uma sensação de bem-estar psicossocial . . . de ‘estar em casa’ no próprio corpo, . . . de saber para onde . . . vai e [ter] uma certeza íntima de reconhecimento antecipado por parte daqueles que contam” (Erikson, 1968, p. 165). Permite igualmente que desenvolva a quinta virtude psicossocial – a *fidelidade*, definida como “a força da devoção disciplinada” (Erikson, 1968, p. 256). A fidelidade corresponde, então, a uma renovação da capacidade de confiar (nos outros e em si mesmo) num plano mais elevado, e à afirmação de ser digno de confiança e capaz de estabelecer compromissos (Erikson & Erikson, 1997). Por outro lado, verificando-se a prevalência da confusão poderá

⁵ Ainda que este seja o momento preferencial para a resolução de uma crise aberta da identidade, a formação da identidade não se inicia nem termina com a adolescência, sendo antes um processo que decorre desde o nascimento até à morte (Erikson, 1956).

⁶ Isto é, que seja capaz de selecionar e separar ativamente os papéis e valores a trabalhar na formação da identidade daquilo a que deve resistir, que é exterior à própria identidade (Erikson & Erikson, 1997).

observar-se um claro evitamento da escolha e do compromisso, mantendo todas as possíveis identidades em aberto (Erikson, 1956). Em geral, é a incapacidade em estabelecer uma identidade ocupacional que mais perturba os jovens (Erikson, 1950/1993, 1968); contudo, a confusão da identidade e de papéis implica igualmente a dificuldade no estabelecimento de objetivos e direção, podendo ainda gerar sensação de desintegração do sentido de continuidade individual, sentimento geral de vergonha e desconfiança, e incapacidade em sentir-se realizado em qualquer atividade (Erikson, 1956). A capacidade de compromisso para com o próprio e as suas escolhas, um sentido de direção, e o reconhecimento da própria identidade e individualidade constituem, portanto, as principais contribuições deste estágio para o desenvolvimento futuro (Erikson, 1950/1993, 1956, 1968; Erikson & Erikson, 1997).

6. *Intimidade versus isolamento*. A sexta antítese do desenvolvimento decorre entre os 18 e os 35 anos de idade (Dacey et al., 2008). O jovem adulto vai procurar fundir a sua identidade com a de outros (Erikson, 1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997) na busca pela verdadeira intimidade, que apenas se torna alcançável após a resolução da crise da identidade (Erikson, 1950/1993, 1956, 1968). A *intimidade* corresponde à “capacidade para se comprometer com afiliações e parcerias concretas e para desenvolver a força ética [necessária] para persistir nesses compromissos, mesmo que possam exigir sacrifícios e responsabilidades significativos” (Erikson, 1950/1993, p. 237); não se cinge à intimidade sexual, pelo que idealmente se desenvolve em relações amorosas, de amizade (Erikson, 1968) e de trabalho (Erikson & Erikson, 1997). O *sentido de isolamento*, que corresponde ao medo de permanecer apartado, de ser ignorado ou não reconhecido (Erikson & Erikson, 1997), é fortalecido pelo evitamento das experiências de intimidade devido ao receio de perda da identidade na fusão com o outro (Erikson, 1950/1993). Um rácio positivo entre intimidade e isolamento permite que o indivíduo estabeleça laços pautados pelo afeto, proximidade, partilha e solidariedade (Erikson, 1950/1993); e garante ainda o desenvolvimento da sexta virtude psicossocial – o *amor*, definido como “devoção mútua” (Erikson, 1968, p. 137), que possibilita ao indivíduo sentir-se confortável consigo mesmo quando verdadeiramente envolvido com os outros (Erikson, 1956). Já a prevalência do isolamento pode expressar-se numa falsa intimidade sem verdadeira fusão (Erikson, 1968), ou num sentido de reserva interna, autoabsorção, e evitamento de experiências de compromisso interpessoal (Erikson, 1956).
7. *Generatividade versus estagnação*. A sétima antítese do desenvolvimento decorre entre os 35 e os 65 anos de idade (Dacey et al., 2008). Este estágio ocupa o maior intervalo de tempo no ciclo de vida (30 anos ou mais), durante o qual o indivíduo adulto estabelece um compromisso com o trabalho e, possivelmente, com uma nova família, alocando tempo e energia a interesses e atividades produtivas e úteis ao próprio e à sociedade; sendo considerado o período de maior

envolvimento da vida ativa, exige a gestão e conciliação de um conjunto de obrigações, responsabilidades e celebrações inerentes ao trabalho e às relações familiares (Erikson & Erikson, 1997). O *sentido de generatividade* refere-se, primeiramente, à preocupação em orientar a geração futura, incluindo também conceitos como a criatividade e a produtividade (Erikson, 1950/1993, 1968); diz respeito à geração de novos seres, produtos e ideias, incluindo a criação do próprio, numa ótica de desenvolvimento contínuo da identidade (Erikson & Erikson, 1997). Não implica necessariamente ter ou querer ter filhos, mas consiste na vontade de contribuir para o bem-estar da sociedade presente e futura, de deixar um legado positivo à geração seguinte (Erikson, 1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997). Um rácio positivo entre generatividade e estagnação permite que o indivíduo expanda os seus interesses pessoais, experiencie sentimentos de crescimento e realização pessoal, se considere produtivo e capaz de investir e zelar pelo seu legado (Erikson, 1950/1993). Possibilita também que desenvolva a sétima virtude psicossocial – o *cuidado*, que corresponde a um compromisso alargado de zelo, carinho e atenção para com as pessoas, produtos e ideias com os quais o indivíduo aprendeu a importar-se (Erikson & Erikson, 1997). Por outro lado, a prevalência da estagnação gera frequentemente mal estar, aborrecimento, um sentido de empobrecimento pessoal, egoísmo e individualismo, procura pelo conforto próprio e desinvestimento em atividades úteis aos outros (Erikson, 1950/1993, 1968).

8. *Integridade versus desespero*. A última antítese do desenvolvimento decorre a partir dos 65 anos de idade até ao fim da vida (Dacey et al., 2008). Com o aproximar do fim do ciclo de vida, o indivíduo reflete acerca do seu percurso, e o resultado desta avaliação retrospectiva depende largamente da qualidade da resolução das crises desenvolvimentais prévias (Erikson, 1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997). O *sentido de integridade* corresponde a um senso de coerência e plenitude (Erikson & Erikson, 1997), de aceitação da responsabilidade individual pela própria vida (Erikson, 1968) e do respetivo ciclo vital como único e necessário, como algo que não pode ser substituído (Erikson, 1950/1993, 1968). Já o *sentido de desespero* corresponde ao medo da morte, à não aceitação do próprio percurso e à noção de que o tempo disponível já não é suficiente para recomeçá-lo (Erikson, 1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997). Um rácio positivo entre integridade e desespero gera um sentido de coerência e totalidade (Erikson & Erikson, 1997), a aceitação da própria vida e sua finitude – o indivíduo sente que a sua vida teve significado e coerência, possivelmente sente que deixa uma herança positiva para a humanidade, e nutre um sentido de aceitação, proximidade e compreensão para com os outros, incluindo pessoas de outras culturas, de gerações prévias e futuras (Erikson, 1950/1993, 1968). Permite ainda o desenvolvimento da oitava virtude psicossocial – a *sabedoria*, que podemos definir como conhecimento acumulado que proporciona um tipo de compreensão e julgamento maduros

(Erikson, 1968). Por outro lado, a prevalência do desespero frequentemente gera sentimentos de confusão (Erikson & Erikson, 1997) angústia (Erikson, 1950/1993) e repulsa por si próprio e pelos outros (Erikson, 1968).

Várias têm sido as tentativas para conceptualizar e medir diferentes aspetos dos estádios de Erikson, com diversos instrumentos desenvolvidos para avaliarem estádios específicos (Dunkel & Harbke, 2017; Hannah et al., 1996), como a conceptualização dos estados de identidade de Marcia (1996, citado por Hannah et al., 1996) ou as medidas de generatividade de McAdams e St. Aubin (1992). Ainda assim, um número de outros investigadores tem tentado incluir vários (ou todos) estádios de Erikson numa mesma medida (e.g., Constantinople, 1969; Darling-Fisher & Leidy, 1988; Rosenthal et al., 1981).

Apesar de reconhecerem que os constructos de Erikson são difíceis de definir em termos de comportamentos abertos específicos, Ochse e Plug (1986) destacam que o autor especifica e distingue os sentimentos subjetivos e atitudes que os indivíduos provavelmente experienciarão em função da qualidade da resolução alcançada para as crises desenvolvimentais. Talvez também por isso, a maioria dos instrumentos existentes são medidas de autorrelato, com uma escala de resposta tipo Likert que permite indicar o grau de concordância com as afirmações que representam cada estágio. As principais diferenças entre estes instrumentos consistem (a) no número de estádios medido; (b) no número de itens utilizado; e (c) na conceptualização dos estádios como unipolares ou bipolares (Dunkel & Harbke, 2017).

Constantinople (1969) desenvolveu o Inventário de Desenvolvimento Psicossocial, um instrumento concebido para avaliar a resolução individual das crises específicas das seis primeiras etapas da teoria de Erikson. Nos seus esforços de desenvolvimento do instrumento, o autor ofereceu a primeira evidência da existência de mudanças consistentes com o princípio epigenético da teoria de desenvolvimento de Erikson, reportando diferenças progressivas no sentido expectável ao nível do desenvolvimento psicossocial, em estudantes universitários.

Rosenthal et al. (1981) desenvolveram o Erikson Psychosocial Stage Inventory (EPSI) no âmbito de um estudo de larga escala acerca do ajustamento na adolescência. Este instrumento constitui uma medida da resolução dos conflitos associados aos seis primeiros estádios de desenvolvimento psicossocial de Erikson, apto para a administração, individual ou em grupo, a indivíduos com idade igual ou superior a 13 anos. É composto por 72 itens, organizados em seis subescalas com 12 itens cada, metade dos quais reflete a resolução bem-sucedida da respetiva crise e a outra metade a sua resolução malsucedida. Os resultados do instrumento são organizados num perfil individual, que, para os autores, constitui uma solução mais útil e informativa do que o cálculo de um resultado geral de desenvolvimento psicossocial.

Nos estudos de validação empírica do EPSI, os autores reportaram resultados que, de um modo geral, seguem a direção esperada em termos teóricos; especificamente, foram observadas correlações interescalas moderadas, com a qualidade da resolução de estádios prévios associada à qualidade da

resolução de estádios posteriores; no mesmo sentido, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas na qualidade da resolução das crises das seis etapas de desenvolvimento entre faixas etárias, com indivíduos mais velhos a reportarem scores mais altos para todas as seis subescalas do instrumento (Rosenthal et al., 1981). Observaram-se ainda diferenças de sexo nas subescalas do EPSI, com os indivíduos do sexo masculino a reportarem scores mais elevados nas subescalas Autonomia e Identidade, e os indivíduos do sexo feminino a reportarem pontuações mais elevadas na subescala Intimidade.

Posteriormente, Darling-Fisher e Leidy (1988) criaram o MEPSI com base no EPSI, adaptando-o para a população adulta e de modo a contemplar os atributos psicossociais que surgem ao longo de todas as oito etapas de desenvolvimento psicossocial de Erikson. Considerando a premissa de Erikson de que todos os componentes da personalidade estão presentes, em alguma forma, ao longo do ciclo de vida e mantêm-se sistematicamente associados a todos os outros componentes, o MEPSI foi desenhado como uma medida global e integra oito subescalas que refletem os atributos que resultam da resolução bem-sucedida (positivos) e malsucedida (negativos) de cada fase (Darling-Fisher, 2019).

Segundo Darling-Fisher (2019), o MEPSI é uma das poucas medidas dos estádios de desenvolvimento de Erikson com dados publicados acerca da sua fidelidade e validade (Leidy & Darling-Fisher, 1995), com evidência empírica que continua a apoiar o seu uso enquanto medida global válida, fiável e prática do desenvolvimento psicossocial. No que concerne às subescalas, a fidelidade e validade é variável, pelo que a maioria dos projetos de investigação que utilizaram o MEPSI reportaram os valores da escala global, com alguns a registarem também os dados relativos às subescalas e uma pequena parte a utilizar exclusivamente as subescalas como instrumento de medida (Darling-Fisher, 2019).

Nos estudos de validação empírica do MEPSI não se observam efeitos de sexo para os scores da escala total do MEPSI; contudo, foram encontradas diferenças nas pontuações das subescalas Autonomia – Vergonha e Dúvida, e Intimidade – Isolamento, na amostra de participantes mais novos e saudáveis (Leidy & Darling-Fisher, 1995). Segundo as autoras, estes resultados estão em linha com a ideia de uma trajetória desenvolvimental diferenciada entre homens e mulheres (e.g., Hodgson & Fischer, 1979; Ochse & Plug, 1986), mas também com a hipótese de estas diferenças serem mais marcadas em idades precoces e tenderem a convergir ao longo do desenvolvimento (e.g., Ochse & Plug, 1986; Whitbourne et al., 2009).

Em linha com o anteriormente exposto, a investigação empírica tem, de um modo geral, suportado o princípio epigenético de Erikson, que afirma que o desenvolvimento da personalidade é um processo contínuo, no qual a qualidade da resolução das etapas precoces da vida é um prerequisite para a resolução de conflitos desenvolvimentais posteriores (e.g., Constantinople, 1969; Hannah et al., 1996; Ochse & Plug, 1986; Whitbourne et al., 1992, 2009; Whitbourne & Waterman, 1979).

Vários estudos têm explorado a associação entre a resolução da identidade no final da adolescência e crises subsequentes na idade adulta (Kroger, 2018), com muitas das investigações a fazerem uso do

conceito de estatutos de identidade, de James Marcia (1966, citado por Ochse & Plug, 1986). Por exemplo, na sua meta-análise, Årseth et al. (2009) evidenciaram correlação fortes entre as etapas identidade versus confusão e intimidade versus isolamento, com indivíduos com resoluções bem-sucedidas do estágio identidade versus confusão a terem maior probabilidade de alcançar verdadeira intimidade nos seus relacionamentos românticos e de amizade, no início da idade adulta. No mesmo sentido, a resolução da etapa identidade versus confusão tem sido associada às etapas generatividade versus estagnação, na meia-idade (e.g., Hearn et al., 2012); e integridade versus desespero, na terceira idade (e.g., Christiansen & Palkovitz, 1998). Também o estágio intimidade versus isolamento parece ser relevante para a resolução da etapa generatividade versus estagnação (Christiansen & Palkovitz, 1998).

De acordo com Erikson e Erikson (1997), os atributos positivos de cada etapa de desenvolvimento apoiam o crescimento e a expansão do indivíduo, favorecendo o compromisso e fomentando a sua capacidade de resistência aos desafios que a vida impõe. De um modo geral, a investigação tem corroborado esta premissa, sendo disso exemplo a associação positiva encontrada entre desenvolvimento psicossocial e bem-estar (e.g., Ackerman et al., 2001; Ochse & Plug, 1986; Sheldon & Kasser, 2001) e entre propósito e identidade (Hill & Burrow, 2012), ou a constatação de que a resolução bem-sucedida do estágio identidade versus confusão está associada a (a) prontidão para a decisão vocacional em alunos universitários (Cohen et al., 1995); (b) relações interpessoais mais satisfatórias (Marcia, 1976, citado por Rosenthal et al., 1981); (c) tomada de decisão eficaz (Marcia, 1993, citado por Schwartz, 2001); (d) pensamento equilibrado (Boyes & Chandler, 1992, citados por Schwartz, 2001); entre outros aspetos. Já a resolução bem-sucedida do estágio generatividade versus estagnação tem sido associada a consequências benéficas para o adulto de meia-idade, nomeadamente maturidade psicológica (Sheldon & Kasser, 2001), afeto positivo, satisfação com a vida e com o trabalho e bem-estar subjetivo (Ackerman et al., 2001).

1.2 Compromisso e Modelo de Investimento de Rusbult

O compromisso ocorre em todos os sistemas sociais (Cohen, 2003) e, de acordo com Agnew (2009), é um constructo central à manutenção das relações, pelo que diversos foram os modelos, definições e tipologias de compromisso propostos nas últimas décadas. Apesar de algumas semelhanças, estes diferem essencialmente na forma como conceptualizam o compromisso – enquanto uns o consideram um conceito unidimensional, outros defendem que apresenta múltiplas dimensões ou, até, que existem diferentes tipos de compromisso (Agnew, 2009). Para o autor, as três concepções de compromisso mais proeminentes são o modelo tripartido de Johnson, o MIR, e o modelo de coesão de Levinger. Para efeitos do presente estudo, focaremos o MIR.

O MIR surge da procura por variáveis explicativas da manutenção e declínio das relações interpessoais e visa prever o grau de compromisso e satisfação com diferentes formas de relacionamento

em curso (e.g., relações românticas, de amizade, profissionais), com duração e envolvimento diversos (Rusbult, 1980). Em consequência, tem gerado insights úteis acerca do que pode levar os indivíduos a persistir ou a terminar as relações (e.g., Impett et al., 2001; Rusbult & Farrell, 1983), dos mecanismos cognitivos (e.g., Biggane et al., 2016) e comportamentais (e.g., Finkel et al., 2002) que apoiam a manutenção das mesmas, e ainda acerca dos diferentes comportamentos que os indivíduos podem adotar face à insatisfação nas relações (e.g., Farrell & Rusbult, 1992; Rusbult et al., 1982, 1986).

Inserido na tradição da teoria da troca (e.g., Blau, 1964; Gouldner, 1960; Homans, 1958), e partindo das premissas básicas da teoria da interdependência (Kelley & Thibaut, 1978; Thibaut & Kelley, 1959), o MIR assume que os indivíduos estão geralmente motivados para maximizar recompensas⁷ e minimizar custos⁸ nas relações que estabelecem (Rusbult, 1980); e identifica a *confiança* (i.e., expectativas positivas de que o/a parceiro/a cuidará do indivíduo e será consistentemente responsivo às suas necessidades; Holmes & Rempel, 1989) e a *dependência* (i.e., o grau em que o indivíduo necessita da relação ou o grau em que o seu bem-estar é influenciado pelo envolvimento na relação; Agnew et al., 1998) como aspetos relevantes para o compromisso (Rusbult et al., 2004).

No mesmo sentido, e partindo da premissa de que o compromisso e a confiança têm papéis centrais na determinação da motivação e comportamento em relações em curso (Agnew et al., 1998; Rempel et al., 1985), os resultados obtidos por Wieselquist et al. (1999) mostram que dependência, compromisso, confiança e atos de manutenção da relação estabelecem, entre si, um ciclo de crescimento recíproco, de tal modo que (a) a dependência promove um compromisso forte e (b) o compromisso promove atos de manutenção, que (c) ao serem percebidos pelo/a parceiro/a vão fomentar a sua confiança e, consequentemente, (d) aumentar a disponibilidade deste/a para se tornar dependente na relação.

Neste enquadramento, o *compromisso* é definido enquanto experiência subjetiva da dependência no relacionamento (Agnew, 2009; Agnew et al., 1998; Rusbult & Buunk, 1993) e conceptualizado como um constructo multidimensional composto por três componentes distintos: (a) afetivo, que se refere à vinculação psicológica à relação; (b) cognitivo, que diz respeito à orientação a longo prazo na relação; e (c) conativo, que remete à intenção de persistir na relação (Arriaga & Agnew, 2001; Rusbult & Buunk, 1993). Assim, um indivíduo comprometido sente-se emocionalmente ligado à relação, perspectiva-a a longo prazo e está motivado para preservá-la.

O MIR propõe que o compromisso varia em função de três antecedentes – a satisfação, a qualidade das alternativas e o tamanho do investimento (Rusbult, 1980, 1983). A *satisfação* refere-se ao nível de afeto positivo associado ao relacionamento (Rusbult, 1980), baseia-se numa comparação entre os

⁷ Segundo Sabatelli (2009), correspondem aos “prazeres, satisfações e gratificações de que a pessoa beneficia por participar na relação” (p. 1522).

⁸ De acordo com Sabatelli (2009), “podem envolver castigos experienciados, . . . ou os recursos perdidos em resultado de se envolver num comportamento ou curso de ação em vez de outro” (p. 1522).

resultados (recompensas vs. custos) gerados pela relação e as expectativas individuais do sujeito acerca da qualidade das relações em geral (Thibaut & Kelley, 1959), e é influenciada pela capacidade da relação para satisfazer necessidades importantes do indivíduo (Rusbult et al., 1998), tais como intimidade, segurança, sexualidade ou pertença (Rusbult et al., 2006).

A *qualidade das alternativas* corresponde à estimativa da atratividade da melhor alternativa existente (Rusbult, 1983), e depende do grau em que o indivíduo crê que as suas necessidades mais importantes podem ser satisfeitas fora do relacionamento atual – quer seja por uma alternativa específica, por um conjunto alargado de alternativas, por família e amigos, ou de forma autónoma (Rusbult et al., 1998).

O *tamanho do investimento* reflete a magnitude ou importância dos recursos empregues no relacionamento (Rusbult et al., 1998). Os investimentos são, portanto, recursos concretos ou intangíveis associados à relação (Le & Agnew, 2003), que podem ser agrupados em *investimentos intrínsecos*, que se referem aos recursos que são diretamente investidos na relação, como tempo ou envolvimento emocional; e *investimentos extrínsecos*, que correspondem a recursos inicialmente alheios ao relacionamento, como pessoas, atividades ou objetos, que, com o tempo, se tornam indissociáveis do mesmo (Rusbult, 1983).

Em contraponto com outras teorias, o MIR sugere que, mesmo sendo uma das bases da dependência, a satisfação não é condição suficiente para prever dependência e compromisso fortes nem, conseqüentemente, a persistência na relação, porquanto (a) a satisfação oscila mesmo nos envoltimentos mais gratificantes (Rusbult et al., 1998) e (b) a experiência psicológica de compromisso reflete mais do que as bases de dependência das quais surge (Rusbult et al., 2004).

Assim, segundo o modelo, os indivíduos tornam-se mais dependentes de um relacionamento na medida em que: (a) os níveis de satisfação são altos ou a relação gratifica as necessidades mais importantes do indivíduo; (b) a qualidade das alternativas é baixa ou as necessidades mais importantes do indivíduo não podem ser preenchidas sem o relacionamento; e (c) o tamanho do investimento é alto, ou muitos recursos importantes se associam à relação, incluindo recursos que seriam perdidos ou cujo valor diminuiria se a relação terminasse (Rusbult et al., 2004; Rusbult & Buunk, 1993). Todavia, o compromisso pode ser experienciado mesmo em situações nas quais nem todos os seus antecedentes se observam (e.g., relações abusivas, nas quais a satisfação pode estar ausente e o compromisso ser mantido pelo tamanho do investimento e/ou pela percepção de ausência de alternativas) e, do mesmo modo, pode não existir quando apenas um dos antecedentes está presente (e.g., trabalhador altamente satisfeito mas pouco comprometido já que percebe elevada qualidade de alternativas disponíveis e tem baixo envolvimento; Le & Agnew, 2003; Rusbult & Buunk, 1993).

Os resultados obtidos por Rusbult et al. (1998) oferecem sólido suporte à estrutura fatorial proposta pelo MIR, evidenciando quatro fatores correspondentes ao compromisso e seus três antecedentes. No mesmo sentido, duas meta-análises permitem concluir que (a) cada uma das três variáveis preditoras do

MIR – satisfação, alternativas e investimento – explicam variância única do compromisso e que, coletivamente, explicam variância considerável do mesmo (61% e 54%, respetivamente; Le & Agnew, 2003; Tran et al., 2019); (b) a satisfação é significativamente mais preditora do compromisso do que a qualidade das alternativas ou o investimento (Le & Agnew, 2003; Tran et al., 2019); e (c) o compromisso prediz, consistentemente, a persistência na relação, explicando 47% da variância no comportamento persistir-terminar (Le & Agnew, 2003).

A validade e robustez do MIR tem sido demonstrada ao longo dos últimos 40 anos através da sua aplicação a um leque de populações e contextos cada vez mais amplo (Le & Agnew, 2003; Tran et al., 2019) e com recurso a metodologias de investigação diversas (e.g., Coy et al., 2019; Farrell, 1983; Segal & Fraley, 2016). Originalmente desenvolvido no domínio das relações íntimas, o modelo tem sido aplicado em contextos relacionais, como os relacionamentos amorosos homo e heterossexuais (e.g., Bui et al., 1996; Duffy & Rusbult, 1986; Rodrigues et al., 2011), as relações íntimas abusivas (e.g., Rusbult & Martz, 1995) ou as relações de amizade (e.g., Branje et al., 2007; Lin & Rusbult, 1995; Rusbult, 1980); e em contextos não relacionais, como o compromisso com o trabalho (e.g., Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult & Farrell, 1983), comportamentos ecológicos (e.g., Davis et al., 2011), adesão à terapêutica prescrita (e.g., Putnam et al., 1994), ou comportamentos do consumidor (e.g., Bolkan et al., 2012; Bügel et al., 2010).

De uma maneira geral, a investigação tem apontado uma maior robustez do MIR em contextos relacionais, reportando maior capacidade preditora do compromisso e correlações mais fortes entre o compromisso e os seus antecedentes neste âmbito, quando comparado com domínios não relacionais (Le & Agnew, 2003; Tran et al., 2019). Ainda assim, Le e Agnew (2003) destacam que os resultados obtidos sugerem ser válida a aplicação do MIR para lá do domínio interpessoal e defendem a utilidade da expansão da utilização do modelo a novos contextos, não apenas como forma de explorar os limites da sua aplicabilidade mas, sobretudo, enquanto meio para identificar variáveis adicionais que acrescentem novos insights e potenciem a capacidade preditora do modelo.

Atendendo ao âmbito do presente estudo, será abordado, de seguida e com maior detalhe, o compromisso em dois domínios de importância central na experiência humana – o relacionamento amoroso e o trabalho.

1.2.1 Compromisso nos Relacionamentos Amorosos

Segundo Rodrigues et al. (2011), podemos considerar que um *relacionamento amoroso* se caracteriza por interações voluntárias e continuadas, pautadas “por uma dimensão de partilha afetiva aliada a uma dimensão sexual” (p. 7), permitindo assim satisfazer necessidades de afiliação, proximidade e intimidade.

Desta definição decorre, naturalmente, que as relações amorosas constituem exemplos claros de interdependência, na medida em que os parceiros se influenciam mutuamente e dependem um do outro

para alcançar resultados significativos (Reis & Rusbult, 2004). Sobre este aspeto, vasta evidência científica tem apontado para os inúmeros benefícios que relações românticas saudáveis e duradouras podem trazer ao nível da saúde física, mental e bem-estar psicológico dos envolvidos (e.g., August et al., 2016; Braithwaite & Holt-Lunstad, 2017; Schneider et al., 2011).

Neste sentido, o compromisso é considerado um conceito de extrema importância no âmbito dos relacionamentos amorosos, desde logo porque se mostra fortemente associado à sua estabilidade (Agnew, 2009; Rusbult et al., 1998) e regista associações moderadas a fortes com medidas de ajustamento do funcionamento conjugal (e.g., ajustamento diádico, nível de confiança, intimidade e segurança; Rusbult et al., 1998; Stanley et al., 2002).

O bem-estar do casal demonstra depender tanto do nível de compromisso individual como da mutualidade do compromisso entre parceiros, sendo o nível de confiança – conceptualizado enquanto motivo específico do relacionamento⁹ e não como uma disposição interpessoal do indivíduo¹⁰ –, um aspeto particularmente relevante para a mutualidade do compromisso (Drigotas et al., 1999; Holmes & Rempel, 1989). Segundo Wieselquist et al. (1999), ao longo de uma relação funcional, a longo-prazo, o movimento de cada pessoa no sentido do aumento do compromisso deve ser acompanhado por um aumento da confiança e paralelo aumento do compromisso por parte do respetivo parceiro, de acordo com um ciclo de crescimento recíproco já anteriormente explanado.

De acordo com Rusbult e Buunk (1993), um compromisso forte não só torna mais provável que a relação perdure no tempo, como promove uma variedade de mecanismos de manutenção da relação que ajudam as relações a sobreviver às ameaças e desafios, internos e externos. De uma maneira geral, indivíduos com elevado compromisso tendem, com maior frequência, a (a) avaliar mais positivamente, e menos negativamente, a própria relação e o/a parceiro/a em comparação com relações e parceiros/as de terceiros (i.e., *ilusão positiva*; Martz et al., 1998; Van Lange & Rusbult, 1995); (b) incluir o/a parceiro/a na representação do próprio self, usando mais frequentemente pronomes plurais (i.e., *interdependência cognitiva*; Agnew et al., 1998); (c) afastar ou depreciar alternativas à relação atual (i.e., *desvalorização de alternativas*; Johnson & Rusbult, 1989); (d) inibir impulsos de retaliação face a ações destrutivas do/a parceiro/a (i.e., *acomodação*; Rusbult et al., 1991; Yovetich & Rusbult, 1994); (e) estar mais dispostos a atender às necessidades da relação e do/a parceiro/a em detrimento dos seus interesses individuais imediatos (i.e., *disposição para sacrificar-se*; Van Lange et al., 1997); e (f) perdoar uma traição por parte do/a parceiro/a (i.e., *perdão*; Finkel et al., 2002). A evidência existente sugere também que a utilização de

⁹ Inclinações típicas do casal para responder a situações específicas de interdependência de uma dada forma (Rusbult et al., 2004).

¹⁰ Inclinações típicas do indivíduo para responder a situações específicas de interdependência de uma forma particular, comum a vários parceiros de interação (Rusbult et al., 2004).

mecanismos de manutenção está associada a níveis mais elevados de bem-estar conjugal (e.g., Rusbult et al., 1991; Van Lange et al., 1997).

1.2.2 Compromisso no Trabalho

De acordo com Cohen (2003), o conceito de compromisso no contexto laboral tem atraído a atenção de investigadores e profissionais desde a década de 50, originando várias definições distintas.

No sentido de organizar as diferentes conceptualizações de compromisso, Allen e Meyer (1990) focaram os seus pontos comuns agregando-as segundo um modelo integrador que contempla três componentes do compromisso: (a) o *compromisso afetivo*, relativo à vinculação emocional, identificação e envolvimento com a organização; (b) o *compromisso de continuidade*, referente aos custos associados à saída organizacional; e (c) o *compromisso normativo*, relativo a sentimentos de obrigatoriedade de permanecer na organização. Segundo os autores, os indivíduos podem experienciar cada um destes estados psicológicos em diferentes graus.

Posteriormente, Morrow (1993, citado por Cohen, 2003) propôs a ideia de que o compromisso no trabalho abarca múltiplos compromissos, sendo que, em contexto laboral, o objeto do compromisso pode ser variado (i.e., o indivíduo pode comprometer-se com o trabalho que desempenha, a carreira que integra, a profissão que escolheu, o emprego que detém, o empregador e/ou a organização a quem presta serviços). No mesmo sentido, Cohen (2003) defende que o comportamento em contexto organizacional é influenciado por vários compromissos, e que estes podem ser congregados no conceito abrangente de compromisso com o trabalho.

Para efeito da presente investigação, usaremos o MIR aplicado ao contexto laboral, não apenas porque este modelo permite uma leitura equivalente entre os contextos em estudo (relacionamento amoroso e trabalho), mas também porque demonstrou ser o modelo com maior robustez na investigação do compromisso e intenção de permanência em contexto organizacional (Rusbult et al., 1986, 1998). De acordo com esta abordagem, o *compromisso com o trabalho* é definido como a probabilidade do indivíduo mudar de trabalho e de se sentir psicologicamente vinculado ao mesmo, independentemente de se sentir satisfeito ou não (Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult e Farrell, 1983). O compromisso com o trabalho existe quando o trabalhador percebe uma ligação ao mesmo (Farrell & Rusbult, 1981).

À semelhança do que se verifica com o MIR aplicado aos relacionamentos amorosos, o compromisso com o trabalho é uma função da satisfação, investimentos e alternativas de trabalho, com o compromisso a aumentar na medida em que a satisfação aumenta, o tamanho do investimento cresce e a qualidade das alternativas de trabalho diminui (Farrell & Rusbult, 1981).

Tal como referido anteriormente, Le e Agnew (2003) constataram que, apesar da sua utilidade no contexto laboral, o MIR apresenta maior capacidade preditora do compromisso interpessoal do que do

compromisso com o trabalho. Neste ponto, os autores chamam a atenção para o facto de o compromisso com o trabalho ser afetado por influências externas ao contexto laboral que constituem importantes antecedentes do compromisso (e.g., família) mas que estas não são contempladas no enquadramento do MIR, assim limitando a sua aplicabilidade neste domínio.

Comum às diferentes conceptualizações de compromisso existentes na literatura é a sua relação com o turnover (Allen & Meyer, 1990; Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult & Farrell, 1983) e outros comportamentos e motivações relevantes em contexto organizacional, como o absentismo (Mathieu & Zajac, 1990, citados por Fornes et al., 2008), performance (Cohen, 2003; Katzenbach, 2000, citado por Fornes et al., 2008) ou a satisfação com o trabalho (Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult & Farrell, 1983; Mathieu & Zajac, 1990, citados por Fornes et al., 2008). De uma maneira geral, indivíduos altamente comprometidos apresentam níveis superiores de satisfação com o trabalho e performance laboral, e menor probabilidade de faltar ao trabalho ou de abandonar a organização na qual trabalham. Por estas razões, o compromisso com o trabalho é considerado um fator central para a sobrevivência e eficácia organizacional (Buchanan, 1974, citado por Fornes et al., 2008). Por outro lado, indivíduos comprometidos com as suas organizações, trabalhos e carreiras, parecem ser mais felizes e mais capazes de usufruir de tempo de qualidade com as respetivas famílias e hobbies (Reilly & Orsak, 1991, citados por Fornes et al., 2008). Deste modo, podemos considerar que o compromisso com o trabalho é um fenómeno relevante para o indivíduo, as organizações e a sociedade em geral.

1.3 Match de Compromisso e Relação Trabalho-Família

Enquanto adultos, assumimos diferentes papéis sociais que implicam obrigações e responsabilidades nos vários contextos em que nos envolvemos (Geurts & Demerouti, 2002), e que nos ajudam a estruturar e atribuir significados às nossas experiências (Frone, 2003).

A noção de balanço entre papéis tem interessado investigadores de várias disciplinas, desde logo pela expectativa de que o desequilíbrio entre papéis sociais possa constituir uma fonte de stress relevante, com impacto não apenas nos resultados no domínio de vida afetado mas também na saúde geral e bem-estar daqueles que experienciam o desequilíbrio (Frone, 2003).

No geral, podemos agregar os papéis sociais em dois domínios latos – o trabalho e o não trabalho, com este último a incluir vários subdomínios (e.g., papéis familiares, comunitários, de lazer, entre outros; Frone, 2003). Apesar do consenso relativo à interdependência entre ambos os domínios (e.g., Adams et al., 1996; Grzywacz & Bass, 2003), este não existe quanto à delimitação de cada um, com o *trabalho* a ser geralmente definido como conjunto de tarefas prescritas que o indivíduo realiza no âmbito da função que ocupa numa dada organização, com a contrapartida de uma remuneração; e o *não trabalho* a referir-se a atividades e responsabilidades inerentes ao domínio familiar e outros (Geurts & Demerouti, 2002).

Especificamente, o corpo teórico focado na interface trabalho-família desenvolveu-se substancialmente nos últimos 40 anos (Greenhaus & Foley, 2007; Greenhaus & Powell, 2005), com o interesse de investigadores a ser motivado por profundas mudanças sociais e culturais (e.g., entrada da mulher no mercado de trabalho, aumento de famílias monoparentais, mudança de valores no sentido de maior equilíbrio entre papéis familiares e laborais; Geurts & Demerouti, 2002).

Na sua revisão da literatura sobre o tema, MacMillan et al. (2011) identificam e destringem três conceitos centrais – conflito¹¹, enriquecimento¹² e balanço¹³ – que ilustram os efeitos cruzados entre os domínios do trabalho e da família. Subjacente à maioria das conceptualizações da interface trabalho-família está a preocupação com aspetos como a eficácia, satisfação e realização dos indivíduos nos múltiplos papéis que assumem nas suas vidas (Greenhaus & Foley, 2007), com o equilíbrio entre o trabalho e a família a constituir o objetivo último para indivíduos e organizações (MacMillan et al., 2011).

De acordo com Geurts e Demerouti (2002), podemos destacar quatro categorias de variáveis antecedentes da qualidade e valência (i.e., positiva ou negativa) da interface trabalho-família: (a) características de personalidade (e.g., neuroticismo, extroversão); (b) características familiares (e.g., suporte social, conflito de papel familiar); (c) características de trabalho (e.g., padrão de horas de trabalho semanais, segurança no trabalho); e (d) atitudes individuais (e.g., importância e centralidade do papel na vida do indivíduo). No âmbito da presente investigação faz sentido destacarmos especificamente três antecedentes – disposições interpessoais, que Stoeva et al. (2011, citados por Greenhaus & Foley, 2007) afirmam ter um impacto indireto no balanço trabalho-família, através de níveis aumentados de stress relacionados com o papel; qualidade da relação com o cônjuge, que Burke (1988, citado por Geurts & Demerouti, 2002) demonstrou estar negativamente associada a experiências de conflito trabalho-família; e compromisso com o papel, que Adams et al. (1996) e Carlson e Kacmar (2000) comprovaram ter uma associação positiva com o conflito entre as dimensões.

Do mesmo modo, várias consequências individuais têm sido relacionadas com o equilíbrio entre as esferas familiar e laboral, nomeadamente níveis superiores de saúde mental (e.g., Grzywacz & Bass, 2003) e física (e.g., Geurts et al., 1999, citados por Geurts & Demerouti, 2002); maior produtividade laboral (e.g., Chinchilla et al., 2009, citados por Salvador, 2017); maior satisfação com o trabalho (e.g., Adams et al., 1996; Balmsforth & Gardner, 2006); maior compromisso com o trabalho e menos turnover (e.g., Balmsforth & Gardner, 2006); menos absentismo laboral (e.g., Chinchilla et al., 2009, citados por

¹¹ Segundo Greenhaus e Beutell (1985), o *conflito trabalho-família* corresponde a “uma forma de conflito interpapéis em que as pressões de papel nos domínios trabalho e família são mutuamente incompatíveis em alguns aspetos” (p. 77). Trata-se de um conflito bidirecional, na medida em que tanto o trabalho pode interferir com a família, como verificar-se o inverso (Frone, 2003).

¹² De acordo com Greenhaus e Powell (2006), o *enriquecimento trabalho-família* corresponde à “extensão em que as experiências num papel podem melhorar a qualidade de vida em outro papel” (p. 73).

¹³ Frone (2003) define *balanço trabalho-família* como “a ausência de conflito ou interferência entre papéis laborais e familiares” (p. 145).

Salvador, 2017; Frone et al., 1992, citados por Frone, 2003); maior satisfação com a vida (e.g., Adams et al., 1996; Ferguson et al., 2012); menos stress familiar, conjugal e parental (Grandey & Coprazano, 1999, citados por Geurts & Demerouti, 2002; Guelzow et al., 1991, citados por Geurts & Demerouti, 2002); e maior qualidade de vida (Rice et al., 1992, citados por Greenhaus & Foley, 2007), entre outras.

Para efeitos do presente estudo, focaremos o match (i.e., equilíbrio, balanço) de compromisso individual entre a esfera laboral e o relacionamento amoroso, tomando como base a definição e operacionalização de compromisso subjacente ao MIR. Para tal, partimos do pressuposto de que a situação de equilíbrio existe quando o indivíduo está tão envolvido e satisfeito numa esfera como na outra (Greenhaus & Singh, 2004), reportando níveis de compromisso equivalentes entre os contextos.

1.4 Desenvolvimento e Compromisso: Que Associações?

As relações são a base da existência humana, porquanto (a) a maioria do nosso comportamento toma forma na relação com o outro; e (b) desenvolvimento e relações estão mútua e profundamente interligados (Reis et al., 2000; Reis & Rusbult, 2004; Kuther & Burnell, 2019).

Nas interações em que participamos ao longo da vida, somos frequentemente confrontados com situações com estruturas semelhantes entre si e em resposta às quais desenvolvemos tendências de respostas habituais, num esforço de adaptação aos contextos em que estamos imersos (Rusbult & Van Lange, 2008). De acordo com Rusbult e Van Lange (2003), as adaptações podem ocorrer a nível individual, relacional, ou grupal, expressando-se em: (a) *disposições interpessoais*, que correspondem a inclinações individuais de resposta a determinadas situações entre vários parceiros de interação (e.g., estilo de vinculação; Kelley, 1983, citado por Rusbult & Van Lange, 2003), e que surgem porque, ao longo do desenvolvimento, os indivíduos são confrontados com diferentes oportunidades e dificuldades na interação com diferentes parceiros; (b) *motivos específicos da relação*, que se referem a inclinações diádicas de resposta a determinadas situações de interação (e.g., compromisso; Holmes, 1981, citado por Rusbult & Van Lange, 2003), sendo, por isso, específicas para um dado parceiro de interação; e (c) *normas sociais*, que dizem respeito a inclinações de resposta do grupo baseadas em regras transmitidas socialmente (e.g., papéis de género; Thibaut & Kelley, 1959). No presente estudo, abordamos especialmente dois tipos de adaptação – o desenvolvimento e virtudes psicossociais enquanto disposições interpessoais, e o compromisso enquanto motivo específico da relação.

O compromisso é uma noção que está presente na conceção de desenvolvimento psicossocial de Erikson (1950/1993, 1956, 1968; Erikson & Erikson, 1997), especificamente a partir da adolescência. Tal como referido anteriormente, o autor considera a capacidade de compromisso uma das principais contribuições da etapa identidade versus confusão, propondo que esta irá ampliar-se a diferentes contextos (e.g., relacionamentos amorosos, trabalho) nas etapas de desenvolvimento subsequentes. Se durante a

adolescência a capacidade de compromisso será explorada, sobretudo, no que respeita ao próprio indivíduo e às suas escolhas pessoais, na etapa seguinte a busca pela intimidade levá-lo-á a comprometer-se com o outro, em relações concretas (e.g., amorosas, de amizade, de trabalho). Já no estágio generatividade versus estagnação, a tônica será colocada no compromisso com a sociedade em geral, com o indivíduo a orientar esforços no sentido de contribuir de forma positiva para o bem-estar da sociedade presente e futura, quer seja através da parentalidade ou em outras esferas da vida.

Apesar das afinidades entre os dois enquadramentos teóricos, a associação entre desenvolvimento psicossocial e compromisso mantém-se pouco estudada. No geral, os estudos existentes sobre o impacto do desenvolvimento em relacionamentos amorosos e em relações laborais focam-se em disposições interpessoais (e.g., esperança, propósito, competência, autocontrole, autonomia) ou em etapas de desenvolvimento (e.g., identidade, generatividade) específicas, e na sua associação com variáveis como a satisfação ou qualidade da relação conjugal (e.g., Starks et al., 2017; Oh & Minichiello, 2013; Pfund et al., 2020), mecanismos de manutenção das relações (e.g., Findley et al., 2014; Finkel & Campbel, 2001), satisfação com o trabalho e compromisso organizacional (e.g., Curado & Vieira, 2019), performance laboral (e.g., Reichard et al., 2013), bem-estar subjetivo (e.g., Ackerman et al., 2001), entre outras.

Oh e Minichiello (2013) exploraram o desenvolvimento psicossocial de casais sul-coreanos e a sua associação com a satisfação e crise conjugal; os resultados reportados demonstraram que (a) parceiros do mesmo casal tinham maior probabilidade de atingir o mesmo estágio de desenvolvimento psicossocial; (b) numa mesma idade de indivíduos casados, estes demonstraram diferentes níveis de satisfação e crise conjugal dependendo do estágio de desenvolvimento psicossocial em que se encontravam; e (c) parceiros que resolveram de forma bem-sucedida as tarefas e conflitos desenvolvimentais (especialmente do estágio intimidade vs. isolamento) tinham níveis mais elevados de satisfação e mais baixos de crise conjugal.

Alguns estudos têm aplicado o enquadramento da teoria da interdependência ao estudo do impacto do desenvolvimento nos relacionamentos amorosos. Starks et al. (2017) exploraram as associações entre o desenvolvimento da intimidade, tal como conceptualizada por Erikson, a satisfação com a relação e a depressão em casais de homens homossexuais. Os seus resultados revelaram que os níveis de desenvolvimento da intimidade dos participantes prediziam a sua própria satisfação com a relação e a satisfação do respetivo parceiro, com os efeitos da satisfação de ambos na depressão a serem significativos, o que sugere uma associação entre desenvolvimento individual e saúde mental que passa pelo funcionamento diádico. Os resultados indicaram ainda que a capacidade individual para a intimidade pode contribuir para o mecanismo de acomodação, com indivíduos com níveis mais altos de desenvolvimento da intimidade a alcançarem maior sucesso na sua utilização. Já Finkel e Campbel (2001) e Findley et al. (2014) encontraram evidência que apoia a relevância do autocontrole (enquanto disposição interpessoal) para os mecanismos de acomodação e disposição para o sacrifício, respetivamente. No

mesmo sentido, Pfund et al. (2020) estudaram a associação entre sentido de propósito e as variáveis do MIR, num estudo transversal de natureza correlacional. De acordo com os resultados, o sentido de propósito observou correlações positivas e significativas com o compromisso, a satisfação e o investimento na relação, com evidência inconsistente relativamente à qualidade das alternativas à relação. Segundo os autores, estes resultados sugerem uma associação positiva entre o sentido de propósito e aspetos da qualidade da relação ao longo da idade adulta.

Quanto ao contexto laboral, Reichard et al. (2013) realizaram uma meta-análise que suportou a noção de que a esperança está relacionada com a performance laboral. Já a confiança tem sido alvo de especial atenção, aceitando-se a premissa de que é altamente benéfica para o funcionamento das organizações (Dirks & Ferrin, 2001). Os estudos de Dirks e Ferrin (2001) e de Curado e Vieira (2019) corroboram esta ideia, demonstrando efeitos indiretos da confiança na satisfação e compromisso organizacional. No mesmo sentido, Pugh et al. (2003, citados por Schneider et al., 2011) demonstraram que colaboradores com baixa confiança em relação aos seus empregadores se preocupam mais acerca de possíveis resultados negativos, com impacto indireto na sua performance.

Atendendo ao anteriormente exposto, e de acordo com Leidy e Darling-Fisher (1995), podemos considerar que o desenvolvimento psicossocial saudável facilita a interação social e a performance do papel. Contudo, e mantendo presente a literatura anteriormente explanada, faz sentido considerar que as disposições interpessoais possam ter um efeito indireto no compromisso e, conseqüentemente – tal como proposto por Stoeva et al. (2011, citados por Greenhaus & Foley, 2007) –, também no equilíbrio entre dimensões da vida.

CAPÍTULO 2

Objetivos

Seguindo uma perspectiva integradora, que reconhece ao indivíduo a necessidade de responder, em simultâneo, a exigências e responsabilidades em várias esferas da experiência humana (Geurts & Demerouti, 2002), o presente estudo tem como principal objetivo compreender a relação entre o desenvolvimento ao longo do ciclo de vida na idade adulta, o compromisso na relação amorosa e no trabalho, e o equilíbrio do compromisso individual entre ambos os domínios. Para tal, recorrendo à teoria de desenvolvimento psicossocial de Erikson (1950/1993, 1968, Erikson & Erikson, 1997) e ao modelo de investimento de Rusbult (1980, 1983), pretende-se:

- a) Explorar a associação entre o compromisso (e seus antecedentes – satisfação, alternativas, e investimentos) na relação amorosa e no trabalho, bem como as suas semelhanças e diferenças nos dois domínios;
- b) Explorar a associação entre desenvolvimento psicossocial e compromisso (e seus antecedentes) na relação amorosa e no trabalho, como com o grau de equilíbrio no compromisso em ambos os domínios;
- c) Avaliar o impacto do desenvolvimento psicossocial no compromisso assumido em cada um dos domínios, como no grau de equilíbrio entre ambos.

CAPÍTULO 3

Metodologia

Na presente secção serão explanadas, com detalhe, as etapas realizadas para alcançar os objetivos anteriormente apresentados. Assim, serão brevemente descritos os procedimentos de seleção e recolha da amostra, após o que terá lugar uma caracterização detalhada da mesma. De seguida serão apresentados os instrumentos utilizados e, por último, enumerados os procedimentos estatísticos realizados.

3.1 Amostra

A amostra necessária à realização do presente estudo foi selecionada por conveniência, estabelecendo-se à partida a idade (superior a 18 anos), o estado civil (solteiro/a numa relação, solteiro/a em união de facto ou casado/a) e a situação perante o trabalho (emprego permanente, emprego temporário ou trabalhador/a estudante), como critérios de participação. Os dados foram recolhidos por meio de questionário individual, construído na plataforma digital *Qualtrics* e divulgado, ao longo de seis meses, nas redes sociais Facebook e LinkedIn.

Responderam ao questionário 380 participantes, dos quais 20,0% foram eliminados por não terem completado nenhum dos instrumentos do estudo. De salientar que, entre escalas, se observou perda de tamanho amostral devido ao preenchimento condicional (e.g., aos indivíduos que reportaram encontrar-se desempregados não foi apresentado o instrumento relativo ao compromisso no trabalho), e em alguns casos incompleto, do questionário.

A amostra total utilizada ($n = 304$), maioritariamente composta por indivíduos de nacionalidade portuguesa (98,7%), incluiu 264 mulheres, 39 homens e um indivíduo cujo sexo não foi especificado. A idade dos participantes oscilou entre os 19 e os 68 anos, com uma idade média de 35 anos ($DP = 9,1$).

Atendendo aos objetivos do estudo, as idades dos participantes foram agrupadas em três categorias (assumindo como critério os intervalos etários propostos por Dacey et al., 2008), sendo que 56,6% da amostra total posicionou-se na faixa etária 19-34 anos, 43,1% na faixa etária 35-65 anos, 0,3% na faixa etária após os 65 anos, e 9 indivíduos não indicaram a respetiva idade.

Relativamente à orientação sexual, 92,1% da amostra identificou-se como heterossexual, 7,6% como homossexual ($n = 12$) ou bissexual ($n = 11$), e um indivíduo não especificou esta informação.

No que se refere à área de residência, 95,7% da amostra reportou residir em Portugal continental, 1% nas Regiões Autónomas da Madeira e Açores e 3,3% no estrangeiro; a Área Metropolitana de Lisboa (36,8%) e a zona centro (30,9%) foram as mais representadas, enquanto a Área Metropolitana do Porto ($n = 17$) e a zona norte ($n = 41$) representaram, em conjunto, 19,1% da amostra total.

Quanto às habilitações escolares, 90,2% da amostra afirmou ter frequentado ou completado um grau de ensino superior, com os restantes 9,9% a reportarem habilitações ao nível do ensino secundário ($n = 25$) ou anterior ($n = 5$).

No que concerne a variáveis relacionais, 84,3% da amostra afirmou encontrar-se num relacionamento amoroso à data da participação, com 32,9% a identificarem-se como solteiros numa relação, 20,1% como solteiros em união de facto, 31,3% como casados, e os restantes 15,8% da amostra a reportarem ser solteiros sem relação ($n = 33$) ou divorciados ($n = 15$); 40,8% da amostra total afirmou ter filhos; e 55,9% reportaram coabitar com o respetivo cônjuge, com 85 indivíduos a não especificarem esta informação (28%). A duração da relação oscilou entre três e 542 meses, com uma média aproximada de 127,2 meses ($DP = 108,1$) que corresponde a cerca de 11 anos.

Relativamente a variáveis profissionais, 88,8% da amostra reportou exercer atividade profissional à data da participação. As duas categorias profissionais mais representadas correspondem a técnicos e profissões de nível intermédio (48,2%; e.g., assistente social, consultor de recursos humanos, técnico superior) e especialistas das atividades intelectuais e científicas (28,8%; e.g., psicólogo, advogado, docente); e 23,7% da amostra reportou exercer cargos de chefia à data da participação, com 76 indivíduos a não especificarem esta informação (25%). A antiguidade organizacional oscilou entre um e 423 meses, com uma média aproximada de 89,4 meses ($DP = 100,3$) que corresponde a cerca de 7 anos e meio.

3.2 Instrumentos

3.2.1 Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory (MEPSI)

O MEPSI foi desenvolvido e validado com base no EPSI, uma medida aplicável a populações adolescentes e desenhada para avaliar a resolução dos conflitos associados aos primeiros seis estádios de desenvolvimento descritos por Erikson (Rosenthal et al., 1981). A redução do número de itens por subescala, a reformulação de alguns itens, e a adição de duas novas subescalas referentes a cada uma das duas últimas etapas do modelo de desenvolvimento psicossocial de Erikson, permitem ao MEPSI avaliar a força dos atributos psicossociais que surgem ao longo da progressão nos oito estádios de desenvolvimento, na idade adulta (Darling-Fisher & Leidy, 1988).

De acordo com Darling-Fisher e Leidy (1988), o MEPSI é um inventário de autorrelato composto por 80 itens ($\alpha = 0,97$) organizados em oito subescalas que correspondem aos estádios de desenvolvimento psicossocial de Erikson: (1) Confiança – Desconfiança ($\alpha = 0,82$); (2) Autonomia - Vergonha & Dúvida ($\alpha = 0,84$); (3) Iniciativa – Culpa ($\alpha = 0,78$); (4) Indústria - Inferioridade ($\alpha = 0,88$); (5) Identidade - Confusão ($\alpha = 0,85$); (6) Intimidade - Isolamento ($\alpha = 0,78$); (7) Generatividade - Estagnação ($\alpha = 0,75$); e (8) Integridade do Ego – Desespero ($\alpha = 0,80$). Segundo o guia de administração e cotação do MEPSI (Darling-Fisher & Leidy, s/d) cada subescala inclui 10 itens na forma de afirmações simples, cinco das

quais refletem atributos positivos (e.g.: “As outras pessoas compreendem-me”; “Gosto de assumir responsabilidades”; “Tenho uma ideia clara do que quero ser”; “Sinto que há um propósito na minha vida”) e as restantes cinco refletem atributos negativos (e.g.: “Tenho dificuldade em tomar decisões”; “Não faço muitas coisas”; “Acho que é um disparate envolvermo-nos demasiado com as pessoas”; “Receio envelhecer”), que derivam do grau de sucesso com que a respetiva crise foi resolvida. O formato de resposta corresponde a uma escala de 5 pontos que varia entre 1 (*raramente verdadeiro*) e 5 (*quase sempre verdadeiro*). O instrumento permite obter pontuações para cada subescala e para a escala total. Uma pontuação baixa (1-2) indica a predominância de atributos negativos e uma pontuação elevada (4-5) aponta para a predominância de atributos positivos, de tal modo que quanto mais elevada a pontuação mais fortes serão os atributos positivos.

Dada a inexistência de uma versão portuguesa do MEPSI, tornou-se necessário traduzir os itens, as instruções de administração e a escala de resposta da versão original. Para tal, partimos da tradução previamente realizada por Oliveira (2005) para todos os itens do EPSI com correspondência direta no MEPSI, traduzindo de seguida os itens remanescentes, as instruções de administração e a escala de resposta (Anexo A).

3.2.2 Investment Model Scale – Short Version (IMS-S)

A Investment Model Scale – Short Version (IMS-S; Rodrigues & Lopes, 2013) foi desenvolvida e validada com base na versão da IMS previamente adaptada e validada a uma amostra da população portuguesa por Rodrigues e Lopes (2013).

Tal como a escala original, a IMS-S foi desenvolvida para avaliar o compromisso individual no contexto dos relacionamentos amorosos. Trata-se de um instrumento de autorrelato (Anexo A) composto por 13 itens organizados em quatro subescalas: (1) Nível de Compromisso (quatro itens; $\alpha = 0,89$; e.g.: “Desejo que o meu relacionamento dure por muito tempo”); (2) Nível de Satisfação (três itens; $\alpha = 0,94$; e.g.: “O meu relacionamento faz-me muito feliz”); (3) Qualidade das Alternativas (três itens; $\alpha = 0,80$; e.g.: “As minhas necessidades de intimidade, companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento alternativo”); e (4) Tamanho do Investimento (três itens; $\alpha = 0,82$; e.g.: “Eu investi tanto no meu relacionamento que acabaria por perder tudo se o relacionamento terminasse”). O formato de resposta corresponde a uma escala de 7 pontos que varia entre 1 (*discordo totalmente*) e 7 (*concordo totalmente*). O instrumento permite obter pontuações para o Nível de Compromisso e para cada um dos seus três antecedentes, de tal modo que pontuações elevadas nas respetivas subescalas indicam níveis mais elevados de compromisso individual na relação; exceção feita à subescala Qualidade das Alternativas, para a qual pontuações mais elevadas estão geralmente associadas a níveis de compromisso na relação mais baixos.

3.2.3 Investment Model Scale – Work Version (IMS-W)

A adaptação da IMS ao contexto do trabalho foi desenvolvida por Farrell e Rusbult (1981; Rusbult & Farrell, 1983), para avaliar o compromisso individual com o trabalho.

A versão utilizada na presente investigação foi traduzida e adaptada a uma amostra da população portuguesa por Lopes (2020) e testada em investigações realizadas no âmbito de dissertações de mestrado (Carvalho, 2017; Pina, 2019; Salvador, 2017). Trata-se de um instrumento de autorrelato composto por 16 itens organizados em quatro subescalas: (1) Qualidade das Alternativas de Trabalho (três itens; $0,60 < \alpha < 0,79$; e.g.: “Em que medida as alternativas ao seu emprego atual correspondem ao seu emprego ideal?”); (2) Tamanho do Investimento no Trabalho (três itens; $0,57 < \alpha < 0,80$; e.g.: “De uma forma geral, quanto investiu no seu presente trabalho?”); (3) Nível de Satisfação com o Trabalho (seis itens; $0,92 < \alpha < 0,95$; e.g.: “Em que medida o seu trabalho atual cumpre as expectativas do trabalho que desejava quando o aceitou?”); e (4) Nível de Compromisso com o Trabalho (quatro itens; $0,81 < \alpha < 0,93$; e.g.: “Por quanto tempo deseja ficar neste seu trabalho atual?”). O formato de resposta aos itens corresponde a uma escala de 7 pontos, sendo que as âncoras da escala variam consoante o item (Anexo A). O instrumento permite obter pontuações para o Nível de Compromisso com o Trabalho e para cada um dos seus três antecedentes, de tal modo que pontuações elevadas nas subescalas indicam níveis mais elevados de compromisso individual com o trabalho; exceção feita à subescala Qualidade das Alternativas de Trabalho, para a qual pontuações mais elevadas estão geralmente associadas a níveis de compromisso com o trabalho mais baixos.

3.2.4 Questionário Sociodemográfico

Por forma a completar as análises estatísticas a realizar e garantir a adequada caracterização da amostra de participantes, foi pedido que indicassem: (a) nacionalidade e área de residência habitual; (b) idade; (c) sexo e orientação sexual; (e) habilitações escolares; (f) situação perante o trabalho (e.g.: emprego permanente/temporário, estudante, desempregado/a, reformado/a), antiguidade organizacional e categoria profissional (e.g.: pessoal administrativo; especialistas das atividades intelectuais e científicas); (g) estado civil (e.g.: solteiro/a numa relação, solteiro/a em união de facto; casado/a) e duração da relação; (h) status de coabitação e existência de descendentes.

3.3 Procedimentos Estatísticos

A análise dos dados recolhidos no âmbito da presente investigação foi realizada com apoio do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, versão 26).

Após filtrar e eliminar os casos inválidos (e.g., respostas monótonas) da amostra, foram calculadas as estatísticas descritivas das variáveis em estudo e os índices de consistência interna (alpha de Cronbach) de cada um dos instrumentos utilizados.

Com o propósito de estudar, de forma integrada, o compromisso no relacionamento amoroso e no trabalho, foi computada a variável índice de match de compromisso, que pretendia refletir o nível de equilíbrio do compromisso entre ambos os contextos. Para tal, as pontuações da subescala Nível de Compromisso com o Trabalho da IMS-W foram subtraídas às pontuações da subescala Nível de Compromisso da IMS-S, para cada participante. Em consequência, os scores deste índice podem oscilar entre -6 e 6 pontos, sendo que o zero corresponde ao ponto médio da escala e reflete a situação de *match de compromisso*, isto é, o equilíbrio do compromisso entre o relacionamento amoroso e o trabalho. Scores acima de zero remetem para uma situação de desequilíbrio do compromisso com predominância do compromisso no relacionamento amoroso, o *mismatch para a relação*; enquanto que scores abaixo de zero apontam para uma situação de desequilíbrio do compromisso com predominância do compromisso no trabalho, o *mismatch para o trabalho*.

Em seguida, foi calculada uma matriz de correlações (coeficiente de Pearson) entre todas as variáveis em estudo, para facilitar uma análise preliminar da associação entre todas as variáveis. A partir daí, foram realizados os seguintes procedimentos estatísticos:

- a) Teste t para amostras emparelhadas, para comparar o compromisso e seus antecedentes nos dois contextos em estudo;
- b) Teste t para amostras independentes, para comparar o compromisso (na relação e no trabalho) e respectivos antecedentes entre participantes com diferentes níveis de desenvolvimento psicossocial (i.e., alto vs baixo);
- c) Teste t para amostras independentes, para comparar o compromisso (na relação e no trabalho) e respectivos antecedentes entre participantes em diferentes etapas de desenvolvimento psicossocial (i.e., em diferentes faixas etárias);
- d) Teste t para amostras independentes, para averiguar possíveis diferenças no índice de match de compromisso entre participantes em níveis e etapas de desenvolvimento psicossocial distintos;
- e) Teste qui-quadrado, para avaliar a associação entre categorias do índice de match de compromisso e etapas de desenvolvimento psicossocial;
- f) Regressões múltiplas hierárquicas do compromisso (na relação e no trabalho) e do índice de match de compromisso no desenvolvimento psicossocial, para compreender o impacto deste último no compromisso na relação e no trabalho, bem como no equilíbrio do compromisso em ambos os contextos.

CAPÍTULO 4

Resultados

Na presente secção, serão apresentados os resultados obtidos nas análises estatísticas realizadas para dar resposta aos objetivos anteriormente especificados.

Começarão por ser reportados os valores de consistência interna dos instrumentos utilizados, obtidos pelo cálculo do respetivo alpha de Cronbach, após o que será realizada uma breve análise descritiva da variável índice de match de compromisso.

De seguida, será analisada a força das associações entre as principais variáveis em estudo, obtida pelo cálculo do respetivo coeficiente de Pearson, após o que se contrastará o compromisso, e seus antecedentes, no âmbito do relacionamento amoroso e do trabalho. O compromisso e seus antecedentes serão ainda comparados em função do nível e das etapas de desenvolvimento psicossocial, à semelhança do índice de match de compromisso.

Por fim, será ainda explanada a análise de frequências das categorias do índice de match de compromisso na amostra total e respetiva associação com diferentes etapas de desenvolvimento psicossocial. Por último, será analisada a capacidade preditora da variável desenvolvimento psicossocial sobre a variável compromisso – no relacionamento amoroso e/ou no trabalho – e também sobre o equilíbrio do compromisso entre os dois contextos.

4.1 Análise de Consistência Interna

Ao consultar a Tabela 1, verificamos que, no presente estudo, os três instrumentos utilizados e respetivas subescalas alcançaram níveis de consistência interna admissíveis ($\alpha > 0,60$), de acordo com Pestana e Gageiro (2008).

No que respeita ao MEPSI, a escala total e respetivas subescalas oscilaram entre os níveis de consistência muito bom ($\alpha > 0,90$) e moderado ($0,60 < \alpha < 0,70$). A escala total observou um nível de consistência muito bom, enquanto que a subescala Identidade – Confusão se aproximou do nível de consistência bom ($0,80 < \alpha < 0,90$); as subescalas Confiança – Desconfiança, Iniciativa – Culpa e Autonomia – Vergonha & Dúvida, posicionaram-se num nível razoável ($0,70 < \alpha < 0,80$), com a subescala Indústria – Inferioridade a aproximar-se deste patamar. As subescalas Generatividade – Estagnação, Intimidade – Isolamento e Integridade do Ego – Desespero alcançaram valores que correspondem ao nível de consistência moderado. De ressaltar que foi necessário subtrair o Item 70, correspondente à subescala Generatividade - Estagnação, já que a respetiva subescala completa (i.e., com os 10 itens) observou um

nível de consistência inadmissível ($\alpha = 0,59$) que inviabilizaria a sua utilização. Deste modo, a subescala usada no presente estudo refere-se apenas ao conjunto dos nove itens remanescentes ($\alpha = 0,63$).

Tabela 1.

Medidas Descritivas e Consistência Interna do MEPSI, do IMS-S e do IMS-W

Instrumento	Nº de		Intervalo de		α de
	Itens	M	DP	Variação	Cronbach
MEPSI ^a	79	3,8	0,4	2,2-4,8	0,91
Confiança – Desconfiança	10	3,5	0,6	1,9-4,9	0,70
Autonomia – Vergonha & Dúvida	10	3,99	0,6	2,0-5,0	0,75
Iniciativa – Culpa	10	3,99	0,5	2,1-5,0	0,71
Indústria – Inferioridade	10	4,1	0,5	2,4-5,0	0,698
Identidade – Confusão	10	4,0	0,6	2,1-5,0	0,79
Intimidade – Isolamento	10	3,5	0,6	2,1-5,0	0,65
Generatividade – Estagnação	9	3,8	0,6	1,9-4,8	0,63
Integridade do Ego – Desespero	10	3,8	0,6	2,1-4,9	0,65
IMS-S ^b					
Nível de Compromisso	4	6,3	1,4	1,0-7,0	0,96
Nível de Satisfação	3	5,7	1,5	1,0-7,0	0,97
Qualidade das Alternativas	3	2,1	1,2	1,0-7,0	0,71
Tamanho do Investimento	3	3,7	1,7	1,0-7,0	0,80
IMS-W ^c					
Nível de Compromisso com o Trabalho	4	4,9	1,5	1,0-7,0	0,78
Nível de Satisfação com o Trabalho	6	4,6	1,5	1,0-7,0	0,93
Qualidade das Alternativas de Trabalho ^d	3	4,1	1,4	1,0-7,0	0,75
Tamanho do Investimento no Trabalho	2	5,4	1,2	1,0-7,0	0,68

Nota. MEPSI = Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory; IMS-S = Investment Model Scale – Short Version; IMS-W = Investment Model Scale – Work Version.

^a $n = 263$. ^b $n = 246$. ^c $n = 255$. ^d $n = 136$.

Relativamente à IMS-S, as suas subescalas observaram valores de consistência interna elevados, sendo que o valor mais baixo, registado para a subescala Qualidade das Alternativas, posicionou-se, ainda assim, num nível considerado razoável. Já a subescala Tamanho do Investimento alcançou um nível de consistência bom, e as subescalas Nível de Compromisso e Nível de Satisfação um nível muito bom.

No que se refere à IMS-W, os valores de consistência observados oscilaram entre um nível muito bom, alcançado pela subescala Nível de Satisfação com o Trabalho; razoável, observado para as subescalas Nível de Compromisso e Qualidade das Alternativas de Trabalho; e moderado, reportado para a subescala Tamanho do Investimento no Trabalho. De ressaltar que se tornou necessário subtrair o Item 5, correspondente à subescala Tamanho do Investimento no Trabalho, já que a respectiva subescala completa (i.e., com os três itens) observou um nível de consistência inadmissível ($\alpha = 0,51$) que inviabilizaria a sua utilização. Deste modo, a subescala usada no presente estudo refere-se apenas ao conjunto dos dois itens remanescentes ($\alpha = 0,68$).

4.2 Análise Descritiva do Índice de Match de Compromisso

Tal como detalhado anteriormente, a variável índice de match de compromisso foi computada para possibilitar o estudo do equilíbrio do compromisso entre os contextos amoroso e laboral.

Por forma a melhor compreender o comportamento desta variável na amostra em estudo, foram calculadas as suas estatísticas descritivas, que brevemente aqui apresentamos. De ressaltar que, como referido anteriormente, os scores deste índice podem oscilar entre -6 e 6 pontos, sendo que o zero corresponde ao ponto médio da escala.

O índice de match de compromisso para a amostra total ($n = 208$) oscilou entre -5,8 e 6 pontos, com uma média de 1,3 pontos ($DP = 1,9$).

De acordo com a Tabela 2, o mismatch para a relação foi a categoria mais prevalente do índice de match de compromisso, correspondendo a 76,4% da amostra. Em termos cumulativos, o mismatch (92,3%) foi mais frequente do que o match de compromisso (7,7%), correspondendo este último a cerca de metade da frequência observada para a categoria mismatch para o trabalho (15,9%).

Tabela 2.

Frequências das Categorias do Índice de Match de Compromisso na Amostra Total

Categoria do Índice de Match de Compromisso	<i>n</i>	%
Match de Compromisso (equilíbrio)	16	7,7
Mismatch para a Relação	159	76,4
Mismatch para o Trabalho	33	15,9

4.3 Análise de Correlações

As associações entre as variáveis de interesse para o presente estudo foram investigadas com recurso ao coeficiente de correlação de Pearson.

De acordo com a matriz de correlações (Anexo B), e tomando por base os valores de referência propostos por Cohen (1988), as pontuações da escala total do MEPSI registaram correlações grandes, positivas e significativas com os scores de todas as subescalas do instrumento ($0,57 < r < 0,85$, $n = 263$, $p < 0,001$). No mesmo sentido, todas as correlações observadas entre as subescalas do MEPSI foram positivas e significativas, oscilando entre associações grandes ($0,55 < r < 0,78$, $n = 263$, $p < 0,001$) e médias ($0,32 < r < 0,49$, $n = 263$, $p < 0,001$), com a única correlação pequena a ser registada entre as subescalas Iniciativa – Culpa e Intimidade – Isolamento ($r = 0,28$, $n = 263$, $p < 0,001$).

A escala total do MEPSI reportou ainda correlações pequenas, mas significativas, com a satisfação ($r = 0,17$, $n = 219$, $p = 0,011$) e o investimento na relação ($r = -0,14$, $n = 219$, $p = 0,044$); e com o compromisso ($r = 0,29$, $n = 233$, $p < 0,001$), a satisfação ($r = 0,29$, $n = 233$, $p < 0,001$) e o investimento no trabalho ($r = 0,27$, $n = 233$, $p < 0,001$). Deste modo, podemos considerar que níveis elevados de desenvolvimento psicossocial estão associados a maior satisfação na relação e também a maior compromisso, satisfação e investimento no trabalho; por outro lado, estão ainda associados a menor investimento na relação.

No que se refere às correlações entre as subescalas do MEPSI e o compromisso, e seus antecedentes, no relacionamento amoroso e no trabalho, há a ressaltar que apenas a subescala Intimidade – Isolamento reportou associação estatisticamente significativa com o compromisso na relação, tratando-se, neste caso, de uma correlação pequena mas positiva ($r = 0,19$, $n = 219$, $p = 0,005$). Por outro lado, o compromisso no trabalho registou correlações positivas e significativas com todas as subescalas do MEPSI, à exceção da Intimidade – Isolamento ($r = 0,11$, $n = 233$, $p = 0,91$) que não alcançou a significância estatística. A intensidade das associações entre o compromisso no trabalho e as subescalas do MEPSI oscilou entre pequena, para as subescalas Confiança – Desconfiança ($r = 0,19$, $n = 233$, $p = 0,004$), Iniciativa – Culpa ($r = 0,15$, $n = 233$, $p = 0,024$), Indústria – Inferioridade ($r = 0,24$, $n = 233$, $p < 0,001$), e Integridade do Ego – Desespero ($r = 0,21$, $n = 233$, $p = 0,001$); e média, para as subescalas Identidade – Confusão ($r = 0,31$, $n = 233$, $p < 0,001$) e Generatividade – Estagnação ($r = 0,31$, $n = 233$, $p < 0,001$). Assim, podemos afirmar que uma resolução bem conseguida da etapa intimidade versus isolamento está associada a elevado compromisso no relacionamento amoroso; do mesmo modo, uma resolução positiva das restantes etapas de desenvolvimento psicossocial está associada a elevado compromisso no trabalho.

Relativamente à satisfação na relação, foram observadas correlações positivas e significativas, ainda que pequenas, com as subescalas: (a) Confiança – Desconfiança ($r = 0,14$, $n = 219$, $p = 0,046$); (b) Indústria – Inferioridade ($r = 0,16$, $n = 219$, $p = 0,020$); (c) Intimidade – Isolamento ($r = 0,18$, $n = 219$, $p = 0,007$); (d) Generatividade – Estagnação ($r = 0,18$, $n = 219$, $p = 0,008$); e (e) Integridade do Ego – Desespero ($r = 0,16$, $n = 219$, $p = 0,016$). Por outro lado, a satisfação no trabalho registou associações positivas e significativas com todas as subescalas, à exceção da Iniciativa – Culpa ($r = 0,12$, $n = 233$, $p =$

0,063). A intensidade das associações entre a satisfação no trabalho e as subescalas do MEPSI foi média apenas para a subescala Generatividade – Estagnação ($r = 0,32, n = 233, p < 0,001$), e pequena para as restantes: (a) Confiança – Desconfiança ($r = 0,21, n = 233, p = 0,001$); (b) Autonomia – Vergonha e Dúvida ($r = 0,21, n = 233, p = 0,001$); (c) Indústria – Inferioridade ($r = 0,26, n = 233, p < 0,001$); (d) Identidade – Confusão ($r = 0,29, n = 233, p < 0,001$); (e) Intimidade – Isolamento ($r = 0,14, n = 233, p = 0,034$); e (f) Integridade do Ego – Desespero ($r = 0,24, n = 233, p < 0,001$). Assim podemos considerar que resoluções positivas nas etapas confiança versus desconfiança, indústria versus inferioridade, intimidade versus isolamento, generatividade versus estagnação e integridade versus desespero, estão associadas a maior satisfação no relacionamento amoroso e no trabalho. Do mesmo modo, resoluções mais pobres da etapa identidade versus confusão estão associadas a menor satisfação na relação, enquanto que uma resolução mais bem conseguida ao nível da autonomia versus vergonha e dúvida está associada a maior satisfação no trabalho.

O investimento na relação registou correlações negativas, pequenas mas significativas, com as subescalas Iniciativa – Culpa ($r = -0,20, n = 219, p = 0,003$), Identidade – Confusão ($r = -0,14, n = 219, p = 0,038$) e Integridade do Ego – Desespero ($r = -0,14, n = 219, p = 0,043$). Por outro lado, o investimento no trabalho observou correlações positivas e significativas com todas as subescalas do MEPSI, à exceção da Confiança – Desconfiança ($r = 0,12, n = 233, p = 0,063$) e da Intimidade – Isolamento ($r = 0,12, n = 233, p = 0,058$) que, ainda assim, não ficaram longe de alcançar a significância estatística. Para as restantes subescalas, as associações registadas com o investimento no trabalho foram médias para a Indústria – Inferioridade ($r = 0,30, n = 233, p < 0,001$) e Generatividade – Estagnação ($r = 0,32, n = 233, p < 0,001$), enquanto que as subescalas Autonomia – Vergonha e Dúvida ($r = 0,22, n = 233, p = 0,001$), Iniciativa – Culpa ($r = 0,21, n = 233, p = 0,001$), Identidade – Confusão ($r = 0,19, n = 233, p = 0,004$), e Integridade do Ego – Desespero ($r = 0,19, n = 233, p = 0,004$) registaram correlações pequenas. Assim, podemos considerar que resoluções positivas das etapas iniciativa versus culpa, identidade versus confusão, e integridade versus desespero estão associadas a menor investimento na relação. Pelo contrário, maior investimento no trabalho está associado a resoluções bem conseguidas em todas as etapas de desenvolvimento psicossocial, à exceção da confiança versus desconfiança e da intimidade versus isolamento.

As variáveis alternativas à relação e alternativas de trabalho não reportaram quaisquer correlações significativas com o MEPSI e respetivas subescalas.

O índice de match de compromisso observou correlações positivas, significativas e grandes, com o compromisso ($r = 0,67, n = 208, p < 0,001$) e a satisfação ($r = 0,51, n = 208, p < 0,001$) na relação, e pequena com o investimento na relação ($r = 0,21, n = 208, p = 0,003$) e com a qualidade das alternativas de trabalho ($r = 0,22, n = 208, p = 0,002$). Verificaram-se também correlações negativas, significativas e

pequenas, com a qualidade das alternativas à relação ($r = -0,29$, $n = 208$, $p < 0,001$), e grandes com o compromisso ($r = -0,68$, $n = 208$, $p < 0,001$) e a satisfação ($r = 0,45$, $n = 208$, $p < 0,001$) no trabalho. Assim, podemos afirmar que o mismatch para a relação está associado a elevado compromisso, satisfação e investimento na relação, bem como a maior qualidade percebida das alternativas de trabalho; de modo semelhante, o mismatch para o trabalho está associado a maior qualidade percebida das alternativas à relação, bem como a elevado compromisso e satisfação no trabalho.

As subescalas Autonomia – Vergonha e Dúvida ($r = -0,15$, $n = 197$, $p = 0,039$) e Identidade – Confusão ($r = -0,23$, $n = 197$, $p = 0,001$) registaram correlações negativas e pequenas, mas significativas, com o índice de match de compromisso, de tal modo que resoluções positivas das etapas autonomia versus vergonha e dúvida e identidade versus confusão estão associadas ao mismatch para o trabalho. De destacar também que a associação entre a subescala Generatividade – Estagnação e o índice de match de compromisso ficou perto de alcançar a significância estatística ($r = -0,13$, $n = 197$, $p = 0,062$).

Por último, é ainda importante referir que a idade registou associações positivas e significativas, ainda que pequenas, com a escala total do MEPSI ($r = 0,16$, $n = 256$, $p = 0,011$) bem como com as subescalas Autonomia – Vergonha e Dúvida ($r = 0,16$, $n = 256$, $p = 0,011$), Iniciativa – Culpa ($r = 0,20$, $n = 256$, $p = 0,001$), Identidade – Confusão ($r = 0,15$, $n = 256$, $p = 0,014$) e Generatividade – Estagnação ($r = 0,26$, $n = 256$, $p < 0,001$). A correlação entre a idade e a subescala Confiança – Desconfiança ficou perto de alcançar a significância estatística ($r = 0,12$, $n = 256$, $p = 0,059$). Deste modo, podemos afirmar que pessoas mais velhas apresentam não apenas um nível mais elevado de desenvolvimento psicossocial geral, como resoluções mais positivas nas etapas autonomia versus vergonha e dúvida, iniciativa versus culpa, identidade versus confusão e generatividade versus estagnação.

4.4 Comparação do Compromisso e Antecedentes na Relação Amorosa e no Trabalho

Com base na matriz de correlações (Anexo B) anteriormente computada, foram analisadas as associações entre o compromisso, e respetivos antecedentes, no relacionamento amoroso e no trabalho.

De acordo os resultados, as correlações observadas para o compromisso ($r = 0,09$, $n = 208$, $p = 0,202$), a satisfação ($r = 0,08$, $n = 208$, $p = 0,276$), o investimento ($r = 0,02$, $n = 208$, $p = 0,820$) e as alternativas ($r = 0,06$, $n = 209$, $p = 0,430$) entre contextos (relacionamento amoroso e trabalho), não alcançaram significância estatística, reportando, aliás, valores muito próximos de zero.

De seguida, foi realizado um teste t para amostras emparelhadas (Pallant, 2005) por forma a comparar o compromisso e seus antecedentes, na relação amorosa e no trabalho.

De acordo com a Tabela 3, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas pontuações de todas as dimensões do MIR entre o relacionamento amoroso e o trabalho. No contexto do

relacionamento amoroso, o compromisso ($M = 6,3$, $DP = 1,4$) e a satisfação ($M = 5,7$, $DP = 1,5$) apresentaram resultados significativamente mais elevados, $t(207) = 9,91$, $p < 0,001$ e $t(207) = 7,65$, $p < 0,001$, respetivamente. Já no contexto do trabalho, a qualidade das alternativas ($M = 4,1$, $DP = 1,4$) e o investimento ($M = 5,4$, $DP = 1,2$) observaram resultados significativamente superiores, $t(208) = -15,75$, $p < 0,001$ e $t(207) = -12,06$, $p < 0,001$, respetivamente.

Tabela 3.

Comparação do Nível de Compromisso e Seus Antecedentes na Relação Amorosa e no Trabalho

Dimensão do MIR	Relação Amorosa		Trabalho		<i>t</i>	<i>gl</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Nível de Compromisso	6,3	1,4	4,97	1,4	9,91***	207
Nível de Satisfação	5,7	1,5	4,6	1,5	7,65***	207
Qualidade das Alternativas	2,1	1,2	4,1	1,4	-15,75***	208
Tamanho do Investimento	3,7	1,7	5,4	1,2	-12,06***	207

Nota. MIR = Modelo de Investimento de Rusbult.

*** $p < 0,001$

Após o cálculo das respetivas magnitudes dos efeitos, podemos considerar que todas as diferenças acima reportadas traduzem efeitos grandes (Cohen, 1988), com o contexto (relacionamento amoroso ou trabalho) a explicar 32,2% das diferenças ao nível do compromisso; 22,0% das diferenças nos scores da satisfação; 54,5% das diferenças da qualidade das alternativas; e 41,4% das diferenças nas pontuações do investimento.

4.5 Comparação do Compromisso, Antecedentes, e Índice de Match de Compromisso em Função do Desenvolvimento Psicossocial

Realizaram-se dois testes *t* para amostras independentes (Pallant, 2005), para comparar o compromisso e seus antecedentes, na relação amorosa e no trabalho, entre participantes com diferentes níveis de desenvolvimento psicossocial. Foi ainda realizado um teste *t* para amostras independentes para comparar o índice de match de compromisso entre participantes com diferentes níveis de desenvolvimento psicossocial.

Consultando a Tabela 4, podemos constatar que, no âmbito do relacionamento amoroso, apenas uma dimensão alcançou diferença estatisticamente significativa das médias entre níveis de desenvolvimento psicossocial distintos. Já no âmbito do trabalho, três dimensões alcançaram diferença estatisticamente

significativa das respetivas médias. A diferença observada no índice de match de compromisso não alcançou significância estatística.

Tabela 4.

Comparação do Compromisso, Seus Antecedentes, e Índice de Match de Compromisso Entre Níveis de Desenvolvimento Psicossocial

Variável	Nível de Desenvolvimento				<i>t</i>	<i>gl</i>
	Psicossocial					
	Alto		Baixo			
<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Compromisso na Relação	6,4	1,1	6,2	1,5	-1,35	194
Satisfação na Relação	5,97	1,3	5,5	1,6	-2,10*	193,967
Alternativas à Relação	2,1	1,4	2,2	1,2	0,45	194
Investimentos na Relação	3,5	1,7	3,9	1,6	1,58	194
Compromisso no Trabalho	5,3	1,5	4,6	1,5	-3,65***	206
Satisfação o Trabalho	4,95	1,5	4,2	1,6	-3,48**	206
Alternativas de Trabalho	4,1	1,5	4,1	1,3	0,16	207
Investimento no Trabalho	5,6	1,0	5,1	1,4	-2,95**	206
Índice de Match de Compromisso	1,1	1,9	1,6	1,9	1,49	173

* $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$.

Para o desenvolvimento psicossocial alto, a satisfação com a relação ($M = 5,97$, $DP = 1,3$) apresentou resultados significativamente mais elevados, $t(193,967) = -2,10$, $p = 0,042$. Do mesmo modo, também o compromisso com o trabalho ($M = 5,3$, $DP = 1,5$), a satisfação com o trabalho ($M = 4,95$, $DP = 1,5$) e o investimento no trabalho ($M = 5,3$, $DP = 1,5$) registaram resultados significativamente mais elevados para o desenvolvimento psicossocial alto, $t(206) = -3,65$, $p < 0,001$, $t(206) = -3,48$, $p = 0,001$ e $t(206) = -2,95$, $p < 0,004$, respetivamente.

Após o cálculo das respetivas magnitudes dos efeitos, podemos considerar que a maioria das diferenças acima reportadas reflete efeitos pequenos (Cohen, 1988), com o nível de desenvolvimento psicossocial a explicar 2,2% das diferenças ao nível da satisfação com a relação; 4,0% das diferenças nos scores do investimento no trabalho; e 5,6% das diferenças na satisfação com o trabalho. Apenas as diferenças reportadas para o compromisso com o trabalho traduzem um efeito considerado moderado (Cohen, 1988), com o nível de desenvolvimento psicossocial a explicar 6,0% das mesmas.

Adicionalmente realizaram-se mais três testes *t* para amostras independentes, os dois primeiros para comparar o compromisso e seus antecedentes, na relação amorosa e no trabalho, entre participantes em diferentes etapas de desenvolvimento psicossocial; e o último para comparar o índice de match de compromisso entre etapas de desenvolvimento psicossocial distintas.

Analisando a Tabela 5, observamos que, no âmbito do relacionamento amoroso, nenhuma dimensão alcançou diferença estatisticamente significativa das médias entre etapas de desenvolvimento psicossocial. Relativamente ao âmbito do trabalho, apenas uma dimensão registou diferença estatisticamente significativa das respetivas médias. A diferença observada no índice de match de compromisso alcançou significância estatística.

Tabela 5.

Comparação do Nível de Compromisso e Seus Antecedentes Entre Faixas Etárias

Variável	Faixas Etárias				<i>t</i>	<i>gl</i>
	18-34		35-65			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Compromisso na Relação	6,4	1,3	6,1	1,5	1,45	187,961
Satisfação na Relação	5,8	1,4	5,5	1,6	1,22	186,352
Alternativas à Relação	2,2	1,3	2,1	1,2	0,57	237
Investimentos na Relação	3,8	1,7	3,6	1,7	1,06	237
Compromisso no Trabalho	4,7	1,4	5,2	1,5	-2,88**	247
Satisfação no Trabalho	4,6	1,4	4,5	1,7	0,48	247
Alternativas de Trabalho	4,0	1,4	4,1	1,4	-0,27	248
Investimentos no Trabalho	5,3	1,3	5,5	1,2	-1,00	247
Índice de Match de Compromisso	1,6	1,9	0,9	1,8	2,61*	200

* $p < 0,05$. ** $p < 0,01$.

Para a etapa generatividade versus estagnação, correspondente à faixa etária 35-65, o compromisso com o trabalho ($M = 5,2$, $DP = 1,5$) observou resultados significativamente mais elevados, enquanto que o índice de match de compromisso ($M = 0,9$, $DP = 1,8$) registou uma média significativamente mais baixa, $t(247) = -2,88$, $p = 0,004$ e $t(200) = 2,61$, $p = 0,010$, respetivamente. Após o cálculo das respetivas magnitudes dos efeitos, podemos considerar que as diferenças reportadas traduzem efeitos pequenos (Cohen, 1988), com a etapa de desenvolvimento psicossocial a explicar 3,2% das diferenças quer ao nível do compromisso com o trabalho, quer do índice de match de compromisso.

4.6 Análise de Frequências de Categorias do Índice de Match de Compromisso em Função do Desenvolvimento Psicossocial

Por forma a complementar a análise da associação entre o índice de match de compromisso e o desenvolvimento psicossocial, foi realizado um teste qui-quadrado para comparar a distribuição das categorias do índice de match de compromisso em função das etapas de desenvolvimento psicossocial. A Tabela 6 sumariza os resultados da análise das *frequências absolutas* (F_j), que equivalem ao número de vezes que cada nível da variável se verifica; e das *frequências relativas* (f_j), que correspondem à percentagem que reflete o número de vezes que cada nível da variável é observada, atendendo ao número total de observações (Pestana & Gageiro, 2008).

Tabela 6.

Frequências Absolutas e Relativas das Categorias do Índice de Match de Compromisso em Diferentes Faixas Etárias

Variável	Índice de Match de Compromisso					
	Match de compromisso		Mismatch para a Relação		Mismatch para o Trabalho	
	F_j	f_j	F_j	f_j	F_j	f_j
Faixas Etárias						
18-34	6	5,1	98	83,8	13	11,1
35-65	10	11,8	56	65,9	19	22,4

Ao comparar as etapas de desenvolvimento psicossocial, o teste qui-quadrado identificou diferenças significativas ao nível da distribuição das categorias do índice de match de compromisso, $\chi^2(2, N=202) = 8,729, p = 0,013$. Assim, tal como podemos verificar na Tabela 8, em termos cumulativos, o mismatch foi mais prevalente (94,9%) entre os participantes integrados na faixa etária 18-34 – que corresponde à etapa de desenvolvimento intimidade versus isolamento. Também para esta faixa etária, os participantes reportaram estar em mismatch para a relação com maior frequência (83,8%). Por outro lado, na faixa etária 35-65, correspondente à etapa de desenvolvimento generatividade versus estagnação, o match de compromisso (11,8%) e o mismatch para o trabalho (22,4%) foram mais prevalentes.

4.7 Análise do Impacto do Desenvolvimento Psicossocial no Compromisso e no Índice de Match de Compromisso

Para melhor compreender a capacidade preditora do desenvolvimento psicossocial no compromisso com o relacionamento amoroso e com o trabalho, e no balanço do compromisso entre os dois contextos, foram testados seis modelos de regressão múltipla hierárquica (RMH) – dois para cada variável critério, já que a variável desenvolvimento psicossocial foi operacionalizada enquanto (a) score da escala total do MEPSI, na qualidade de medida global de desenvolvimento psicossocial; e (b) scores individuais das subescalas do MEPSI, como estimativa da qualidade da resolução das diferentes etapas de desenvolvimento psicossocial. Esta solução foi adotada com vista à observância do pressuposto da multicolinearidade uma vez que, resultando o score da escala total do MEPSI da combinação dos scores das respectivas subescalas, seriam observadas correlações fortes entre as variáveis (Pallant, 2005).

Para cada modelo, as variáveis explicativas do compromisso ou do índice de match de compromisso foram introduzidas em dois blocos, com as variáveis sociodemográficas, relacionais e/ou laborais, de interesse a serem introduzidas no primeiro bloco, e a variável desenvolvimento psicossocial a ser acrescentada no segundo.

A análise das correlações (Anexo B) revelou que, no conjunto dos modelos testados, a maioria das variáveis independentes não apresentava correlações grandes entre si, à exceção de: (a) idade e duração da relação; (b) idade e antiguidade organizacional; (c) autonomia versus vergonha e dúvida e iniciativa versus culpa; (d) identidade versus confusão e autonomia versus vergonha e dúvida; e (e) generatividade versus estagnação e identidade versus confusão, respetivamente. Contudo, as estatísticas de colinearidade (i.e., tolerância e fator de inflação da variância) encontravam-se todas dentro dos limites estabelecidos, pelo que podemos considerar que o pressuposto da multicolinearidade foi cumprido em todos os modelos (Pallant, 2005). Já a análise da distribuição dos resíduos sugere que, ainda que o pressuposto da homocedasticidade tenha sido geralmente cumprido, consideráveis desvios à normalidade e à linearidade da distribuição dos resíduos foram observados nos dois primeiros modelos apresentados, pelo que a interpretação dos respetivos resultados deve ser feita com cautela (Pallant, 2005). Para os restantes quatro modelos em análise, foram registados desvios muito ligeiros da distribuição dos resíduos face à curva de distribuição normal e à reta de regressão, pelo que podemos considerar que os pressupostos de normalidade e linearidade foram assegurados (Pallant, 2005).

Com o objetivo de aferir a contribuição específica do desenvolvimento psicossocial para a explicação do compromisso no relacionamento amoroso, foram testados dois modelos de RMH cujos resultados são sumarizados nas Tabelas 7 e 8. As variáveis (a) idade, (b) sexo, (c) duração da relação, (d) coabitação e (e) filhos foram introduzidas no primeiro bloco, em ambos os casos. Já o segundo bloco era composto pelo

score da escala total do MEPSI no caso do primeiro modelo, e pelos scores das subescalas do MEPSI no segundo.

Tabela 7.

Coefficientes de Regressão do Compromisso na Relação no Score Global do MEPSI

Preditor	Bloco 1			Bloco 2		
	<i>B</i>	<i>EP</i>	β	<i>B</i>	<i>EP</i>	β
Constante	7,78***	0,85		6,90***	1,21	
Idade	-0,02	0,02	-1,12	-0,02	0,02	-0,13
Sexo	0,11	0,31	0,03	0,11	0,31	0,03
Duração da Relação	-0,001	0,001	-0,07	-0,001	0,001	-0,07
Coabitação	-0,30	0,27	-0,09	-0,34	0,27	-0,10
Filhos	-0,25	0,26	-0,09	-0,23	0,26	-0,08
MEPSI				0,25	0,24	0,08
R^2		0,025			0,030	
ΔR^2		0,025			0,006	

Nota. MEPSI = Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory.

*** $p < 0,001$.

De acordo com a Tabela 7, o conjunto das variáveis introduzidas no Bloco 1 não contribuiu significativamente para o modelo de regressão, $F(5, 180) = 0,906$, $p = 0,478$. Do mesmo modo, a totalidade do modelo testado também não alcançou significância estatística, $F(6, 179) = 0,930$, $p = 0,475$, e a inserção da escala total do MEPSI não gerou acréscimo significativo da sua capacidade preditiva, $\Delta R^2 = 0,006$, $Fchange(1, 179) = 1,049$, $p = 0,307$. No modelo final, nenhuma variável mostrou ter feito uma contribuição estatisticamente significativa para a explicação da variação do compromisso na relação.

Segundo a Tabela 8, o conjunto das variáveis introduzidas no Bloco 1 não contribuiu significativamente para o modelo de regressão, $F(5, 180) = 0,906$, $p = 0,478$. De igual modo, a totalidade do modelo testado também não alcançou significância estatística, $F(13, 172) = 1,347$, $p = 0,190$, e a introdução das subescalas do MEPSI não aumentou significativamente a sua capacidade preditora, $\Delta R^2 = 0,068$, $Fchange(8, 172) = 1,608$, $p = 0,126$. No modelo final, apenas a variável intimidade versus isolamento ($\beta = 0,20$, $p = 0,024$) revelou uma contribuição estatisticamente significativa para a explicação da variação do compromisso na relação.

Tabela 8.*Coefficientes de Regressão do Compromisso na Relação nos Scores das Subescalas do MEPSI*

Preditor	Bloco 1			Bloco 2		
	<i>B</i>	<i>EP</i>	β	<i>B</i>	<i>EP</i>	β
Constante	7,78	0,85		6,16	1,25	
Idade	-0,02	0,02	-0,12	-0,01	0,02	-0,10
Sexo	0,11	0,31	0,03	0,21	0,31	0,05
Duração da Relação	-0,001	0,001	-0,07	-0,001	0,001	-0,07
Coabitação	-0,30	0,27	-0,09	-0,33	0,27	-0,10
Filhos	-0,25	0,26	-0,09	-0,12	0,26	-0,04
Confiança – Desconfiança				-0,30	0,27	-0,12
Autonomia – Vergonha e Dúvida				-0,18	0,33	-0,07
Iniciativa – Culpa				-0,16	0,34	-0,06
Indústria – Inferioridade				0,001	0,33	0,0
Identidade – Confusão				-0,24	0,31	-0,10
Intimidade – Isolamento				0,49*	0,22	0,20
Generatividade – Estagnação				0,44	0,31	0,18
Integridade – Desespero				0,34	0,28	0,14
R^2		0,025			0,092	
ΔR^2		0,025			0,068	

Nota. MEPSI = Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory.

* $p < 0,05$.

Seguidamente, foram testados dois modelos de RMH para analisar a contribuição específica do desenvolvimento psicossocial para a explicação do compromisso no trabalho, cuja súmula dos resultados é apresentada nas Tabelas 9 e 10. As variáveis (a) idade, (b) sexo, (c) cargo de chefia, e (d) antiguidade organizacional foram introduzidas no primeiro bloco, em ambos os casos. Já o segundo bloco era composto pelo score da escala total do MEPSI no caso do primeiro modelo, e pelos scores das subescalas do MEPSI no segundo.

Conforme a Tabela 9, o conjunto das variáveis introduzidas no Bloco 1 contribuiu significativamente para o modelo de regressão, $F(5, 186) = 6,317$, $p < 0,001$, e permitiu explicar 6,9% da variância do compromisso no trabalho. Após a inserção da escala total do MEPSI, no Bloco 2, a variância total explicada pelo modelo completo era de 14,5%, $F(5, 186) = 6,317$, $p < 0,001$. A escala total do MEPSI permitiu explicar mais 7,6% da variância do compromisso no trabalho após serem controladas as variáveis

introduzidas no Bloco 1, $\Delta R^2 = 0,076$, $F_{change}(1, 186) = 16,516$, $p < 0,001$. No modelo final, apenas duas variáveis mostraram ter alcançado uma contribuição estatisticamente significativa para a explicação da variação do compromisso no trabalho, com o MEPSI a registar um β mais elevado ($\beta = 0,28$, $p < 0,001$) do que a antiguidade organizacional ($\beta = 0,21$, $p = 0,041$).

Tabela 9.

Coefficientes de Regressão do Compromisso no Trabalho no Score Global do MEPSI

Preditor	Bloco 1			Bloco 2		
	<i>B</i>	<i>EP</i>	β	<i>B</i>	<i>EP</i>	β
Constante	5,00***	0,64		1,66	1,03	
Idade	0,01	0,02	0,07	-0,004	0,02	-0,02
Sexo	-0,34	0,31	-0,08	-0,32	0,30	-0,07
Cargo de Chefia	-0,38	0,23	-0,12	-0,34	0,22	-0,11
Antiguidade Organizacional	0,002	0,002	0,14	0,003*	0,002	0,21
MEPSI				0,97***	0,24	0,28
R^2		0,069			0,145	
ΔR^2		0,069**			0,076***	

Nota. MEPSI = Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory.

* $p < 0,05$; *** $p < 0,001$.

De acordo com a Tabela 10, o conjunto das variáveis introduzidas no Bloco 1 contribuiu significativamente para o modelo de regressão, $F(12, 179) = 3,667$, $p < 0,001$, e explicou 6,9% da variância do compromisso no trabalho. Após a inserção das subescalas do MEPSI, no Bloco 2, a variância total explicada pela totalidade do modelo era de 19,7%, $F(12, 179) = 3,667$, $p < 0,001$. As subescalas do MEPSI permitiram explicar mais 12,8% da variância do compromisso no trabalho após serem controladas as variáveis introduzidas no Bloco 1, $\Delta R^2 = 0,128$, $F_{change}(8, 179) = 3,570$, $p < 0,001$. No modelo final, três variáveis reportaram contribuições estatisticamente significantes para a explicação da variação do compromisso no trabalho, com a iniciativa versus culpa a alcançar um β inferior ($\beta = -0,31$, $p = 0,011$) ao cargo de chefia ($\beta = 0,14$, $p = 0,049$) e à antiguidade organizacional ($\beta = 0,22$, $p = 0,038$).

Tabela 10.*Coefficientes de Regressão do Compromisso no Trabalho nos Scores das Subescalas do MEPSI*

Preditor	Bloco 1			Bloco 2		
	<i>B</i>	<i>EP</i>	β	<i>B</i>	<i>EP</i>	β
Constante	5,00***	0,64		2,14*	1,08	
Idade	0,01	0,02	0,07	-0,003	0,02	-0,02
Sexo	-0,34	0,31	-0,08	-0,18	0,30	-0,04
Cargo de Chefia	-0,38	0,23	-0,12	-0,45*	0,23	-0,14
Antiguidade Organizacional	0,002	0,002	0,14	0,003*	0,002	0,22
Confiança – Desconfiança				-0,001	0,26	0,00
Autonomia – Vergonha e Dúvida				0,39	0,33	0,15
Iniciativa – Culpa				-0,86*	0,34	-0,31
Indústria – Inferioridade				0,33	0,32	0,11
Identidade – Confusão				0,51	0,31	0,19
Intimidade – Isolamento				0,08	0,22	0,03
Generatividade – Estagnação				0,36	0,29	0,13
Integridade – Desespero				0,60	0,27	0,02
R^2		0,069			0,197**	
ΔR^2		0,069			0,128**	

Nota. MEPSI = Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory.

* $p > 0,05$; ** $p > 0,01$; *** $p > 0,001$.

Por último, com vista a analisar a contribuição específica do desenvolvimento psicossocial para a explicação do equilíbrio do compromisso entre a relação amorosa e o trabalho, foram testados dois modelos de RMH cujos resultados se apresentam nas Tabelas 11 e 12. As variáveis (a) idade, (b) sexo, (c) duração da relação, (d) coabitação (e) filhos, (f) cargo de chefia e (g) antiguidade organizacional foram introduzidas no primeiro bloco, em ambos os casos. Já o segundo bloco era composto pelo score da escala total do MEPSI no caso do primeiro modelo, e pelos scores das subescalas do MEPSI no segundo.

Segundo a Tabela 11, o conjunto das variáveis introduzidas no Bloco 1 não contribuiu significativamente para o modelo de regressão, $F(7, 154) = 1,640$, $p = 0,128$. Do mesmo modo, a totalidade do modelo de regressão testado também não alcançou significância estatística, $F(8, 153) = 1,623$, $p = 0,123$, e a inserção da escala total do MEPSI não gerou acréscimo significativo da sua capacidade preditiva, $\Delta R^2 = 0,009$, $F_{change}(1, 153) = 1,465$, $p = 0,228$. No modelo final, nenhuma

variável se mostrou estatisticamente significativa para a explicação da variação do índice de match de compromisso.

Tabela 11.

Coefficientes de Regressão do Índice de Match de Compromisso no Score Global do MEPSI

Preditor	Bloco 1			Bloco 2		
	<i>B</i>	<i>EP</i>	β	<i>B</i>	<i>EP</i>	β
Constante	3,01*	1,40		4,55*	1,89	
Idade	-0,03	0,03	-1,15	-0,03	0,03	-0,12
Sexo	0,39	0,46	0,07	0,39	0,45	0,07
Duração da Relação	-0,002	0,002	-0,09	-0,001	0,002	-0,08
Coabitação	-0,52	0,40	-0,11	-0,44	0,41	-0,10
Filhos	-0,45	0,39	-0,12	-0,50	0,39	-0,13
Cargo de Chefia	0,60	0,34	0,15	0,57	0,34	0,14
Antiguidade Organizacional	-0,001	0,002	-0,05	-0,002	0,002	-0,08
MEPSI				-0,44	0,37	-0,10
R^2		0,069			0,078	
ΔR^2		0,069			0,009	

Nota. MEPSI = Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory.

* $p < 0,05$.

Conforme a Tabela 12, o modelo composto pelas variáveis introduzidas no Bloco 1 não contribuiu significativamente para o modelo de regressão, $F(7, 154) = 1,640$, $p = 0,128$. Ainda assim, a totalidade do modelo de regressão testado mostrou-se estatisticamente significativo, $F(15, 146) = 1,790$, $p = 0,041$, com a inserção das subescalas do MEPSI a gerar um acréscimo da sua capacidade preditiva que ficou perto de alcançar a significância estatística, $\Delta R^2 = 0,086$, $Fchange(8, 146) = 1,857$, $p = 0,071$. No modelo final, apenas a variável identidade versus confusão se mostrou estatisticamente significativa para a explicação da variação do índice de match de compromisso.

Tabela 12.*Coefficientes de Regressão do Índice de Match de Compromisso nos Scores das Subescalas do MEPSI*

Preditor	Bloco 1			Bloco 2		
	<i>B</i>	<i>EP</i>	β	<i>B</i>	<i>EP</i>	β
Constante	3,01*	1,40		3,83*	1,91	
Idade	-0,03	0,03	-0,15	-0,03	0,03	-0,12
Sexo	0,39	0,46	0,07	0,37	0,45	0,07
Duração da Relação	-0,002	0,002	-0,09	-0,001	0,002	-0,04
Coabitação	-0,52	0,40	-0,11	-0,53	0,40	-0,12
Filhos	-0,45	0,39	-0,12	-0,47	0,39	-0,12
Cargo de Chefia	0,60	0,34	0,15	0,50	0,35	0,12
Antiguidade Organizacional	-0,001	0,002	-0,05	-0,002	0,002	-0,10
Confiança – Desconfiança				-0,13	0,40	-0,04
Autonomia – Vergonha e Dúvida				-0,35	0,49	-0,10
Iniciativa – Culpa				0,72	0,50	0,20
Indústria – Inferioridade				0,02	0,49	0,005
Identidade – Confusão				-1,15*	0,46	-0,33
Intimidade – Isolamento				0,55	0,33	0,16
Generatividade – Estagnação				-0,10	0,45	-0,03
Integridade – Desespero				0,30	0,41	
R^2		0,069			0,155	
ΔR^2		0,069			0,086	

Nota. MEPSI = Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory.* $p > 0,05$.

CAPÍTULO 5

Discussão

Após a apresentação dos resultados obtidos, pretende-se, nesta secção, analisar e refletir acerca das suas potenciais implicações para a compreensão do compromisso e do desenvolvimento psicossocial de indivíduos adultos, ao longo da sua vida ativa e na interação entre duas dimensões fundamentais à experiência humana – o relacionamento amoroso e o trabalho.

Partindo da conceção de desenvolvimento psicossocial de Erikson (1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997) e do modelo de compromisso proposto por Rusbult (1980, 1983) aplicado ao relacionamento amoroso e ao trabalho, propusemo-nos a explorar a associação entre desenvolvimento psicossocial, compromisso, e equilíbrio do compromisso entre os dois contextos. A este respeito, os resultados mostram-nos que (a) existe associação entre o trabalho e o relacionamento amoroso, ao nível do compromisso e seus antecedentes; e que (b) se verificam, de facto, algumas diferenças ao nível do compromisso e do equilíbrio do compromisso em função do desenvolvimento psicossocial.

Antes de explanarmos estas associações e diferenças, faz sentido tecermos algumas considerações relativamente às qualidades psicométricas dos instrumentos utilizados, particularmente do MEPSI, o único dos três instrumentos para o qual não existia ainda uma versão em língua portuguesa.

Os índices de consistência interna reportados no presente estudo, para a escala total do MEPSI e respetivas subescalas, foram todos inferiores aos reportados para a versão original do instrumento (Darling-Fisher & Leidy, 1988). Ainda assim, o nível muito bom de consistência interna alcançado pela escala total do MEPSI parece apontar para que, à semelhança da versão original, se trate de uma medida fiável da força geral dos atributos desenvolvimentais; contudo, algumas fragilidades foram reveladas ao nível da homogeneidade dos itens de quatro das oito subescalas: Indústria – Inferioridade, Intimidade – Isolamento, Generatividade – Estagnação, e Integridade do Ego – Desespero, suscitando, de igual modo, reservas quanto à utilidade do instrumento para avaliar a força de atributos desenvolvimentais específicos (Darling-Fisher & Leidy, 1988). Particularmente sobre os níveis moderados de consistência interna encontrados para as subescalas Intimidade – Isolamento e Generatividade – Estagnação, é pertinente levantar a hipótese de que estes se possam dever também às características etárias da amostra em estudo, já que, segundo Leidy e Darling-Fisher (1995), é expectável a inconsistência de respostas na escala respeitante à etapa de desenvolvimento que o indivíduo está a vivenciar, em virtude da incerteza e instabilidade típicas da procura da solução da respetiva crise.

Em contrapartida, o padrão de correlações observado entre (a) os scores da escala total do MEPSI e das respetivas subescalas (correlações grandes, positivas e significativas); (b) as subescalas do MEPSI

(correlações positivas e significativas); (c) a idade e as pontuações da escala total do MEPSI (correlação positiva e significativa); e (d) a idade e os scores de algumas subescalas do MEPSI (correlações positivas e significativas), estão, no geral, em linha com o reportado para a versão original do instrumento como também com a literatura acerca da associação entre idade e desenvolvimento psicossocial (e.g., Whitbourne et al., 1992; Whitbourne & Waterman, 1979), e apontam para a validade de constructo do instrumento, apesar das fragilidades identificadas.

No que concerne ao IMS-S, os índices de consistência interna observados foram consistentemente elevados e alinhados com os reportados para o instrumento original (Rodrigues & Lopes, 2013). Já relativamente ao IMS-W, o nível de consistência interna observado para a subescala Nível de Compromisso com o Trabalho foi razoável mas inferior ao reportado na literatura (Carvalho, 2017; Farrell & Rusbult, 1981; Pina, 2019; Rusbult & Farrell, 1983; Salvador, 2017), e a subescala Tamanho do Investimento no Trabalho demonstrou fragilidades ao nível da homogeneidade dos seus itens.

Deste modo, sugerimos que, futuramente, o MEPSI e o IMS-W (especificamente a sua subescala Tamanho do Investimento no Trabalho) sejam trabalhados no sentido de serem aprimoradas as suas qualidades psicométricas. No que ao MEPSI diz respeito, faz ainda sentido lembrar que a versão utilizada resultou de uma primeira proposta de tradução do instrumento original para a língua portuguesa, pelo que poderá ser pertinente a reformulação de alguns itens. Da mesma forma, o nível muito bom de consistência interna alcançado no presente estudo para a escala global do MEPSI indica que, à semelhança do sugerido por Dunkel e Harbke (2017) para a escala original, poderá ser viável a redução do número de itens, assim facilitando o uso do instrumento pela diminuição da sua extensão.

Partindo do consenso geral existente acerca da interdependência dos vários domínios da experiência humana (Adams et al., 1996; Grzywacz & Bass, 2003), procurámos explorar associações, possíveis diferenças e semelhanças, do compromisso (e seus antecedentes) entre os dois contextos em estudo na presente investigação – o relacionamento amoroso e o trabalho. De acordo com os resultados, quando considerados os dois contextos em separado, as análises preliminares sugerem uma avaliação independente do compromisso, e seus antecedentes, entre o relacionamento amoroso e o trabalho. Análises adicionais apontam mesmo para diferenças significativas na saliência relativa do compromisso e seus antecedentes entre contextos, que parecem refletir experiências qualitativamente diferenciadas do compromisso na relação amorosa e no trabalho. Especificamente, e em concordância com investigação anterior em amostras portuguesas (Carvalho, 2017; Pina, 2019; Salvador, 2017), os indivíduos parecem mais comprometidos e satisfeitos com os seus relacionamentos amorosos, ao mesmo tempo que percebem realizar maior investimento e dispor de melhores alternativas no domínio do trabalho.

Ainda que todos os três antecedentes do compromisso sejam relevantes para explicá-lo (Le & Agnew, 2003; Tran et al., 2019), o compromisso pode existir como resultado de diferentes combinações dos seus

anteriores (Le & Agnew, 2003; Rusbult & Buunk, 1993). Neste caso, as dimensões do modelo parecem ter pesos distintos entre os contextos, com as dimensões de caráter tendencialmente mais instrumental – investimento e alternativas – a sobressaírem no contexto do trabalho e as dimensões mais afetivas – satisfação e compromisso – a serem mais relevantes no contexto amoroso. Uma possível explicação para este contraste relaciona-se com eventuais diferenças ao nível das motivações subjacentes ao estabelecimento de relações em ambos os contextos; isto é, se, por um lado, estabelecemos relacionamentos amorosos para responder a necessidades eminentemente afetivas e relacionais (Rodrigues et al., 2011), por outro, é possível que as motivações instrumentais (e.g., para assegurar a subsistência, como meio para atingir outros fins) sejam particularmente relevantes – ainda que não exclusivas – para o estabelecimento de relações laborais.

Para possibilitar o estudo integrado do compromisso entre o relacionamento amoroso e o trabalho, construímos um indicador que pretendia refletir o nível de equilíbrio do compromisso entre ambos os contextos – o índice de match de compromisso. Na amostra em estudo, e em linha com o anteriormente exposto, observou-se uma tendência para o desequilíbrio do compromisso, com prevalência do mismatch para a relação. Tal remete-nos para a possibilidade de a experiência de match de compromisso ser comparativamente menos prevalente.

Quando considerados os dois contextos de forma integrada, os resultados da matriz de correlações (Anexo B) sugerem a interdependência do compromisso, e seus antecedentes, entre o relacionamento amoroso e o trabalho. Especificamente, quanto maior o compromisso e satisfação num contexto, melhor a qualidade percebida das alternativas no outro contexto. Estes resultados parecem refletir diferenças ao nível do compromisso dos indivíduos entre os papéis sociais que desempenham, com predominância de um papel com o qual o indivíduo mais se identifica e valoriza. Sobre este ponto, é plausível considerar que (a) talvez este compromisso privilegiado reflita diferenças ao nível dos valores individuais, acerca daquilo que o indivíduo considera prioritário e central na sua vida (Carlson & Kacmar, 2000); que (b) em razão da prioridade e centralidade assumidas, o indivíduo aumente o seu envolvimento comportamental (i.e., a quantidade de tempo dedicada ao papel) com um dado domínio, assim reduzindo a disponibilidade para o envolvimento no outro (Frone, 2003); e que, (c) estando menos comprometido com este outro domínio, possivelmente esteja mais disponível para considerar alternativas no âmbito do mesmo, segundo um mecanismo semelhante ao que Johnson e Rusbult (1989) observaram relativamente à avaliação da qualidade de alternativas em relacionamentos amorosos em curso.

Com base nas premissas de que (a) desenvolvimento e relações influenciam-se, profunda e reciprocamente (Erikson, 1968); (b) o compromisso é um fenómeno relevante em vários contextos sociais (Cohen, 2003; Le & Agnew, 2003; Tran et al., 2019); e (c) o equilíbrio entre dimensões da vida constitui um objetivo relevante para indivíduos e organizações (MacMillan et al., 2011), procurámos explorar a

associação entre desenvolvimento psicossocial e compromisso, no relacionamento amoroso e no trabalho, como com o equilíbrio do compromisso em ambos os domínios.

De acordo com os resultados, verificam-se várias diferenças relevantes ao nível do compromisso e do equilíbrio do compromisso entre contextos, em função do nível e das etapas de desenvolvimento psicossocial. Especificamente, indivíduos com nível elevado de desenvolvimento psicossocial (≥ 4) reportaram níveis superiores de: (a) satisfação com a relação; (b) compromisso com o trabalho; (c) satisfação com o trabalho; e (d) investimento no trabalho. Estes resultados estão, no geral, alinhados com as associações observadas na matriz de correlações, e parecem apontar para a existência de efeitos indiretos do desenvolvimento psicossocial no compromisso, em concordância com a literatura consultada. No que concerne ao compromisso na relação, este efeito indireto parece ocorrer particularmente através do seu antecedente satisfação com a relação. Complementarmente, e ainda que o teste t não tenha reportado diferença significativa para este antecedente, a correlação (negativa e pequena mas significativa) observada entre a escala total do MEPSI e o investimento na relação, sugere uma possível via alternativa de influência do desenvolvimento psicossocial no compromisso com a relação. Em contraponto, no que ao domínio do trabalho diz respeito, parece verificar-se não apenas um efeito indireto do desenvolvimento psicossocial no compromisso através dos seus antecedentes satisfação e investimento no trabalho, como também um efeito direto.

Relativamente às etapas de desenvolvimento psicossocial, quando comparados com os indivíduos no estágio intimidade versus isolamento, os indivíduos no estágio generatividade versus estagnação reportaram maior compromisso com o trabalho e maior tendência ao mismatch para o trabalho. Análises adicionais salientaram que indivíduos no estágio intimidade versus isolamento têm maior probabilidade de estar em mismatch, com prevalência do compromisso na relação; já os indivíduos no estágio generatividade versus estagnação têm maior probabilidade de se encontrarem em mismatch para o trabalho ou em match de compromisso. Estes resultados parecem apontar para uma relevância particular do contexto laboral no estágio generatividade versus estagnação, e uma maior centralidade do relacionamento amoroso durante o estágio intimidade versus isolamento – tal está em concordância com o antecipado por Erikson (1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997), que defende que a capacidade de compromisso do indivíduo se amplia a diferentes contextos ao longo do desenvolvimento. Os resultados parecem sugerir, também, que indivíduos no estágio generatividade versus estagnação possam ser mais eficazes a alcançar o equilíbrio do compromisso entre os dois contextos em estudo.

Contudo, é igualmente relevante considerar que a premissa de Erikson (1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997) segundo a qual o desenvolvimento psicossocial depende da interação entre maturação e socialização específica da cultura, levanta a questão das diferenças desenvolvimentais entre coortes geracionais, sendo plausível que as diferenças observadas sejam explicadas não apenas pela maturação

mas também por diferenças ao nível do contexto social e histórico a que os indivíduos das diferentes faixas etárias estiveram expostos (e.g., contexto macroeconómico, diferentes valores relacionados com o equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal; Leidy & Darling-Fisher, 1995).

Ainda sobre as diferenças entre estádios de desenvolvimento, vale a pena considerar que o contexto laboral é frequentemente central para o sentido de competência e sucesso dos indivíduos adultos (Kuther & Burnell, 2019) e que, de acordo com a meta-análise realizada por Kooji et al. (2011), existem diferenças relevantes ao nível das motivações relacionadas com o trabalho em função da idade; especificamente, enquanto os jovens adultos tendem a valorizar principalmente recompensas extrínsecas e de crescimento (e.g., benefícios, promoções), colaboradores mais velhos tendem a atribuir maior peso às recompensas intrínsecas do trabalho (e.g., autonomia, amizade com os colegas, realização pessoal), o que pode ajudar a explicar o aumento de níveis de compromisso com o trabalho no estágio generatividade versus estagnação.

Para melhor compreender a relevância do desenvolvimento psicossocial no fenómeno de compromisso, foi testada a sua capacidade preditora face ao compromisso no relacionamento amoroso e no trabalho, e ao equilíbrio do compromisso entre os dois contextos. De um modo geral, o MEPSI e respetivas subescalas demonstraram maior capacidade preditora do compromisso com o trabalho, o que nos leva a colocar a hipótese de que as disposições interpessoais avaliadas pelo MEPSI possam ser mais diretamente relevantes no âmbito do trabalho, por oposição aos motivos específicos da relação – compromisso e outros aspetos da interdependência – que assumem particular relevância no âmbito dos relacionamentos interpessoais e, especialmente, nas relações amorosas (Rusbult & Van Lange, 2008). Sobre este aspeto, faz ainda sentido levantar a hipótese de as disposições interpessoais avaliadas pelo MEPSI terem um impacto diferenciado no compromisso com a relação ao longo do tempo, com particular saliência no período inicial do relacionamento amoroso, altura em que os/as parceiros/as se estão a conhecer e, provavelmente, ainda não estabeleceram as inclinações de resposta específicas da díade.

Particularmente, apenas a subescala Intimidade – Isolamento demonstrou uma contribuição significativa para a explicação da variação do compromisso no relacionamento amoroso. Apesar das necessárias reservas na interpretação deste modelo de RMH devido à violação de alguns dos seus pressupostos, quando considerado em conjunto com os resultados da matriz de correlações (Anexo B), este resultado parece indicar especial relevância do estágio intimidade versus isolamento para o compromisso na relação amorosa. Tal está em consonância com a teoria de desenvolvimento psicossocial de Erikson (1950/1993, 1968; Erikson & Erikson, 1997), na qual o autor propõe que o início da idade adulta seja o momento preferencial para expandir a capacidade de compromisso à relação com o outro, especialmente na forma de relacionamento amoroso.

Alguns outros indícios relevantes são evidenciados pelas correlações entre as subescalas do MEPSI e os antecedentes satisfação e investimento na relação, remetendo novamente para a hipótese de o

desenvolvimento psicossocial ter efeitos indiretos no compromisso com a relação. Especificamente, a associação significativa entre satisfação com a relação e a subescala Confiança – Desconfiança está alinhada com a noção de que relações saudáveis dependem largamente da confiança (Schneider et al., 2011) e esta terá, necessariamente, impacto no compromisso com a relação.

A escala global do MEPSI e a subescala Iniciativa – Culpa demonstraram contribuições significativas para a explicação do compromisso no trabalho, o que parece indicar a relevância do desenvolvimento psicossocial geral e, em particular, da qualidade da resolução do estágio iniciativa versus culpa para o compromisso no trabalho. Este destaque do estágio iniciativa versus culpa está em linha com a teoria de Erikson, segundo a qual é nesta etapa que o indivíduo desenvolve o propósito e a orientação a objetivos, especialmente importantes para a vida adulta ativa (Erikson, 1968). Adicionalmente, a matriz de correlações (Anexo B) reporta ainda associações significativas entre o compromisso no trabalho e as subescalas Confiança – Desconfiança, Identidade – Confusão e Generatividade – Estagnação, bem como entre os antecedentes satisfação e investimento no trabalho e várias subescalas do MEPSI, resultados que estão em consonância com a literatura explanada (e.g., Cohen et al., 1995; Curado & Vieira, 2019; Dirks & Ferrin, 2001; Reichard et al., 2013).

Por último, apenas a subescala Identidade – Confusão reportou contribuição significativa para a explicação do índice de match de compromisso. Em conjunto com os resultados da matriz de correlações (Anexo B), este resultado parece apontar para a relevância do estágio identidade versus confusão para o equilíbrio do compromisso entre o relacionamento amoroso e o trabalho, com resoluções mais bem conseguidas de identidade associadas à probabilidade de mismatch para o trabalho. Este resultado pode ser alvo de diversas interpretações – desde logo, uma interpretação mais direta consistiria em considerar a qualidade da resolução do estágio identidade versus confusão, particularmente relevante para o compromisso com o trabalho, tal como foi sugerido anteriormente. Contudo, assumindo, por um lado, as correlações positivas e significativas observadas entre a subescala Identidade – Confusão e as subescalas Intimidade – Isolamento e Generatividade – Estagnação, apoiadas pela literatura (Årseth et al., 2009; Hearn et al., 2012); e, por outro, a ideia de que o desenvolvimento psicossocial bem-sucedido favorece o crescimento e expansão do indivíduo, levando-o a ampliar, ao longo do desenvolvimento, a capacidade para estabelecer compromissos às diversas esferas da sua vida (Erikson, 1950/1993, 1956, 1968; Erikson & Erikson, 1997), uma interpretação mais minuciosa leva-nos a colocar a hipótese de que, para indivíduos com fraca resolução do estágio identidade versus confusão, o relacionamento continue a ser mais central do que o trabalho, dificultando, em última instância, o alcançar do match de compromisso.

De uma forma geral, as associações e diferenças encontradas vão ao encontro da literatura consultada (e.g., Adams et al., 1996; Årseth et al., 2009; Curado & Vieira, 2019; Dirks & Ferrin, 2001; Erikson, 1950/1993, 1956, 1968; Erikson & Erikson, 1997; Frone, 2003; Grzywacz & Bass, 2003; Hearn et al.,

2012; Rusbult & Van Lange, 2008). As diferenças verificadas, que se referem não apenas ao compromisso em ambos os contextos em estudo – relacionamento amoroso e trabalho -, como também ao equilíbrio do compromisso entre ambos, lançam pistas interessantes para a prática organizacional, nomeadamente ao apontarem a especial relevância e saliência do contexto laboral durante o estágio de generatividade versus estagnação, ou o impacto aparentemente mais direto do desenvolvimento psicossocial no compromisso com o trabalho. Constituindo um esforço exploratório, estes resultados obviam a pertinência de uma perspectiva desenvolvimental para a compreensão do fenómeno de compromisso. Propõem, igualmente, novos caminhos de investigação que prometem uma perspectiva aprofundada acerca (a) do impacto mútuo que desenvolvimento psicossocial e compromisso podem ter; e (b) da forma como os indivíduos equilibram os compromissos que estabelecem em diferentes esferas das suas vidas.

CAPÍTULO 6

Conclusões

Movidos pela vontade de melhor compreender o fenómeno de compromisso, a dinâmica do compromisso entre duas dimensões de vida tão relevantes como o relacionamento amoroso e o trabalho, e a sua associação com o desenvolvimento psicossocial, levámos a cabo a presente investigação visando explorar, por um lado, (a) as eventuais diferenças que pudessem existir ao nível do compromisso e do balanço do compromisso, entre indivíduos com diferentes níveis e/ou em diferentes etapas de desenvolvimento psicossocial na idade adulta; e, por outro, (b) o impacto do desenvolvimento psicossocial face ao compromisso e ao equilíbrio do compromisso entre os dois contextos em análise.

Partindo do pressuposto de que, na idade adulta, assumimos diferentes papéis nas várias dimensões das nossas vidas (Geurts & Demerouti, 2002), e de que estas dimensões são interdependentes entre si (e.g., Adams et al., 1996; Grzywacz & Bass, 2003), analisámos possíveis associações, diferenças e semelhanças, do compromisso (e seus antecedentes) entre o relacionamento amoroso e o trabalho. De uma forma geral, o presente estudo corrobora a noção de interdependência entre estas duas esferas da experiência humana. Os resultados apontam para uma relação complexa do compromisso e seus antecedentes entre contextos, porquanto se, por um lado, se observam diferenças qualitativas na experiência de compromisso entre contextos; por outro, apenas uma avaliação integrada do compromisso nos dois contextos permitiu identificar a associação entre compromisso e satisfação num dado domínio e a qualidade das alternativas no outro.

Assumindo as premissas de que o desenvolvimento psicossocial saudável facilita a performance do papel (Leidy & Darling-Fisher, 1995) e de que o equilíbrio entre dimensões da vida é um objetivo relevante para indivíduos e organizações (MacMillan et al., 2011), explorámos a associação entre desenvolvimento psicossocial e compromisso, no relacionamento amoroso e no trabalho, como com o equilíbrio do compromisso entre ambos os contextos. De uma forma geral, o presente estudo corrobora a existência de diferenças ao nível do compromisso e do match de compromisso em função do desenvolvimento psicossocial. Por um lado, o nível de desenvolvimento demonstra influenciar a satisfação com a relação, o compromisso, a satisfação e o investimento no trabalho; por outro, indivíduos em diferentes estádios de desenvolvimento psicossocial na idade adulta parecem valorizar e colocar a tónica em diferentes esferas da sua experiência, com o compromisso no relacionamento amoroso mais predominante no estágio intimidade versus isolamento e o compromisso no trabalho a destacar-se no estágio generatividade versus estagnação. Já o equilíbrio do compromisso entre contextos parece ser

comparativamente menos prevalente no geral mas, ainda assim, mais provável no estágio generatividade versus estagnação.

Para aprofundar a compreensão da associação entre desenvolvimento, compromisso e equilíbrio do compromisso entre os dois contextos em estudo, foi testada a capacidade preditora do desenvolvimento psicossocial face a estas variáveis. Aqui, à semelhança dos resultados anteriores, o desenvolvimento psicossocial mostrou-se mais diretamente relevante na explicação do compromisso com o trabalho. Especificamente, apenas a subescala Intimidade – Isolamento demonstrou especial relevância para o compromisso na relação, enquanto que a escala global do MEPSI e a subescala Iniciativa – Culpa contribuíram particularmente para o compromisso no trabalho. A subescala Identidade – Confusão evidenciou relevância ao nível do equilíbrio do compromisso entre contextos.

Considerando os resultados no seu conjunto, colocamos a hipótese de as disposições interpessoais avaliadas pelo MEPSI poderem ter um efeito mais direto no compromisso no trabalho, e um efeito indireto no compromisso com o relacionamento amoroso, desde logo porque enquanto o compromisso no relacionamento amoroso é negociado ao nível interpessoal, onde se destacam os motivos específicos da relação, o compromisso no trabalho reflete a relação que temos connosco próprios, com os outros de uma forma geral e com as instituições presentes nas nossas vidas.

Apesar das pistas úteis que oferece ao nível da compreensão do compromisso, do desenvolvimento psicossocial e do equilíbrio entre diferentes papéis sociais, este estudo apresenta algumas limitações.

Desde logo, a natureza correlacional e exploratória do presente estudo não permite (nem procura) fazer inferências acerca da direcionalidade das associações entre as variáveis. Por outro lado, tratando-se de um estudo transversal, é possível que as diferenças observadas entre faixas etárias reflitam, sobretudo, características geracionais associadas ao contexto social e histórico distinto a que os sujeitos foram expostos, e não o resultado de processos de maturação e desenvolvimento. Também as fragilidades psicométricas de alguns dos instrumentos/escalas utilizados, em particular o MEPSI, constituem uma limitação à interpretação e generalização dos resultados.

No que respeita à amostra utilizada, observou-se uma distribuição discrepante entre sexos, com uma clara maioria de participantes mulheres. De igual modo, a maioria dos participantes reportou deter habilitações escolares ao nível do ensino superior e ocupar cargos profissionais de nível intermédio ou especializado. Atendendo a estes aspetos, a generalização dos resultados a populações com características distintas fica comprometida.

Ainda relativamente à amostra, poderá fazer sentido repensar os intervalos etários utilizados, sobretudo em face da evidência empírica de que a adultez emergente (aproximadamente entre os 18 e os 29 anos) seja qualitativamente diferente da idade adulta (aproximadamente a partir dos 30 anos) e marcada pela exploração da identidade e procura pela autossuficiência (Arnett, 2015, citado por Rodrigues et al.,

2016), o que sugere também diferenças relevantes ao nível do compromisso e equilíbrio do compromisso entre dimensões da vida, que importa identificar.

Posto isto, sugerimos que investigações futuras recorram a amostras de maiores dimensões e mais representativas da população portuguesa, e que sejam utilizadas outras medidas de desenvolvimento psicossocial, com o intuito de averiguar a consistência das tendências identificadas no presente estudo.

Sugerimos também a realização de um estudo longitudinal, que permita não apenas ultrapassar as limitações inerentes ao design transversal utilizado no presente estudo mas, também, explorar a hipótese de que o impacto mais direto das disposições interpessoais avaliadas pelo MEPSI no compromisso com a relação seja mediado pela duração do relacionamento amoroso. Faz igualmente sentido que investigações futuras explorem possíveis associações indiretas do desenvolvimento psicossocial no compromisso (no relacionamento amoroso e no trabalho), nomeadamente através dos mecanismos de manutenção e dos comportamentos face à insatisfação na relação.

Sugerimos ainda a realização de um estudo de natureza interacional na investigação de questões relacionadas com o desenvolvimento psicossocial e o compromisso no relacionamento amoroso, porquanto descrições a nível individual refletem apenas metade da história na compreensão do comportamento em relações em curso (Wiselquist et al., 1999) e existe já evidência relevante acerca da importância da mutualidade do compromisso entre parceiros (Drigotas et al., 1999; Holmes & Rempel, 1989), e do impacto das semelhanças ao nível do desenvolvimento psicossocial na satisfação e conflito conjugal (Oh & Minichiello, 2013). Seria também útil a realização de um estudo de natureza qualitativa sobre match de compromisso, no sentido de aprofundar a importância do desenvolvimento psicossocial na experiência de equilíbrio do compromisso entre contextos.

Por último, faz ainda sentido determo-nos numa reflexão acerca do equilíbrio do compromisso entre o relacionamento amoroso e o trabalho. Segundo Frone (2003), existe a expectativa de que o desequilíbrio entre papéis sociais possa constituir uma fonte de stress relevante, com impacto negativo transversal na vida daqueles que o experienciam. Considera-se, portanto, que o match de compromisso corresponde à situação ideal e desejável, aquela que devemos procurar alcançar. Contudo, e de acordo com os resultados obtidos, o mismatch de compromisso parece ser uma experiência frequente. Assumindo que diferentes níveis de equilíbrio do compromisso entre contextos possam refletir, antes de mais, diferenças ao nível dos valores e prioridades individuais (Carlson & Kacmar, 2000), até que ponto faz sentido considerar o mismatch de compromisso uma situação indesejável? Não será mais útil pensar o equilíbrio do compromisso entre contextos em função das prioridades que o indivíduo define para a sua própria vida?

Referências

- Ackerman, S., Zuroff, D. C., & Moskowitz, D. S. (2001). Generativity in midlife and young adults: Links to agency, communion, and subjective well-being. *The International Journal of Aging and Human Development*, 50(1), 17-41. <https://doi.org/10.2190/9f51-lr6t-jhrj-2qw6>
- Adams, G. A., King, L. A., & King, D. W. (1996). Relationships of job and family involvement, family social support, and work-family conflict with job and life satisfaction. *Journal of Applied Psychology*, 81(4), 411-420. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.81.4.411>
- Agnew, C. R. (2009). Commitment, theories and typologies. In H. Reis, & S. Sprecher (Eds.), *Encyclopedia of human relationships*. SAGE Publications.
- Agnew, C. R., Van Lange, P. A. M., Rusbult, C. E., & Langston, C. A. (1998). Cognitive interdependence: Commitment and the mental representation of close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(4), 939-954. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.74.4.939>
- Allen, N. J., & Meyer, J. P. (1990). The measurement and antecedents of affective, continuance and normative commitment to the organization. *Journal of Occupational Psychology*, 63(1), 1-18. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8325.1990.tb00506.x>
- Arriaga, X. B., & Agnew, C. R. (2001). Being committed: Affective, cognitive, and conative components of relationship commitment. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(9), 1190-1203. <https://doi.org/10.1177/0146167201279011>
- Årseth, A. K., Kroger, J., Martinussen, M., & Marcia, J. L. (2009). Meta-analytic studies of identity status and relational issues of attachment and intimacy. *Identity*, 9(1), 1-32. <https://doi.org/10.1080/15283480802579532>
- August, K. J., Kelly, C. S., & Markey, C. N. (2016). Marriage, romantic relationships, and health. In H. S. Friedman (Ed.), *Encyclopedia of mental health* (2nd ed., Vol. 3, pp. 46-52). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/b978-0-12-397045-9.00074-4>
- Balmsforth, K., & Gardner, D. (2006). Conflict and facilitation between work and family: Realizing the outcomes for organizations. *New Zealand Journal of Psychology*, 35(2), 69-76.
- Biggane, J. E., Allen, D. G., & Albert, L. S. (2016). The role of positive illusions in employment relationships. *Human Resources Management Review*, 26(3), 270-281. <http://dx.doi.org/10.1016/j.hrmr.2016.03.003>
- Blau, P. M. (1964). Justice in social exchange. *Sociological Inquiry*, 34, 193-206. <https://doi.org/10.1111/j.1475-682X.1964.tb00583.x>
- Bolkan, S., Goodboy, A. K., & Bachman, G. F. (2012). Antecedents of consumer repatronage intentions and negative word-of-mouth behaviors following an organizational failure: A test of investment model predictions. *Journal of Applied Communication Research*, 40(1), 107-125. <https://doi.org/10.1080/00909882.2011.573569>
- Braithwaite, S., & Holt-Lunstad, J. (2017). Romantic relationships and mental health. *Current Opinion in Psychology*, 13, 120-125. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.04.001>
- Branje, S. J. T., Frijns, T., Finkenauer, C., Engels, R., & Meeus, W. (2007). You are my best friend: Commitment and stability in adolescents' same sex friendships. *Personal Relationships*, 14(4), 587-603. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2007.00173.x>
- Bügel, M. S., Buunk, A. P., & Verhoef, P. C. (2010). A comparison of customer commitment in five sectors using the psychological investment model. *Journal of Relationship Marketing*, 9(1), 2-29. <https://doi.org/10.1080/15332660903551883>
- Bui, K.-V. T., Peplau, L. A., & Hill, C. T. (1996). Testing the Rusbult model of relationship commitment and stability in a 15-year study of heterosexual couples. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22(12), 1244-1257. <https://doi.org/cdxhv9>
- Carlson, D. S., & Kacmar, K. M. (2000). Work-family conflict in the organization: Do life role values make a difference? *Journal of Management*, 26(5), 1031-1054. [https://doi.org/10.1016/S0149-2063\(00\)00067-2](https://doi.org/10.1016/S0149-2063(00)00067-2)

- Carvalho, J. (2017). *Match ou mismatch: Modelo de Investimento de Rusbult no trabalho e nas relações amorosas – A influência do burnout*. [Tese de mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa]. Repositório do ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/15194>
- Christiansen, S. L., & Palkovitz, R. (1998). Exploring Erikson's psychosocial theory of development: Generativity and its relationship to paternal identity, intimacy, and involvement in childcare. *The Journal of Men's Studies*, 7(1), 133-156. <https://doi.org/10.3149/jms.0701.133>
- Cohen, A. (2003). *Multiple commitments in the workplace: An integrative approach*. Taylor & Francis Group.
- Cohen, C. R., Chartrand, J. M., & Jowdy, D. P. (1995). Relationships between career indecision subtypes and ego identity development. *Journal of Counseling Psychology*, 42(4), 440-447. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.42.4.440>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates. <https://doi.org/10.4324/9780203771587>
- Constantinople, A. (1969). An Eriksonian measure of personality development in college students. *Developmental Psychology*, 1(4), 357-372. <https://doi.org/10.1037/h0027706>
- Coy, A. E., Davis, J. L., Green, J. D., & Etcheverry, P. E. (2019). A dyadic model of investments: Partner effects on commitment. *Journal of Social and Personal Relationships*, 36(11-12), 3471-3491. <https://doi.org/10.1177/0265407518822783>
- Curado, C., & Vieira, S. (2019). Trust, knowledge sharing and organizational commitment in SMEs. *Personnel Review*, 48(6), 1449-1468. <https://doi.org/10.1108/pr-03-2018-0094>
- Dacey, J. S., Travers, J. F., & Fiore, L. (2008). *Human development across the lifespan* (7th ed.). McGraw Hill.
- Darling-Fisher, C. S. (2019). Application of the Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory: 25 years in review. *Western Journal of Nursing Research*, 41(3), 431-458. <https://doi.org/10.1177/0193945918770457>
- Darling-Fisher, C. S., & Leidy, N. K. (1988). Measuring Eriksonian development in the adult: The Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory. *Psychological Reports*, 62(3), 747-754. <https://doi.org/10.2466/pr0.1988.62.3.747>
- Darling-Fisher, C. S., & Leidy, N. K. (s/d). *The Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory: Guide for administering and scoring MEPSI*. Deep Blue, University of Michigan.
- Davis, J. L., Le, B., & Coy, A. E. (2011). Building a model of commitment to the natural environment to predict ecological behavior and willingness to sacrifice. *Journal of Environmental Psychology*, 31(3), 257-265. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2011.01.004>
- Dirks, K. T., & Ferrin, D. L. (2001). The role of trust in organizational settings. *Organizational Science*, 12(4), 450-467. <https://doi.org/10.1287/orsc.12.4.450.10640>
- Drigotas, S. M., Rusbult, C. E., & Verette, J. (1999). Level of commitment, mutuality of commitment, and couple well-being. *Personal Relationships*, 6(3), 389-409. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1999.tb00199.x>
- Duffy, S. M., & Rusbult, C. E. (1986). Satisfaction and commitment in homosexual and heterosexual relationships. *Journal of Homosexuality*, 12(2), 1-23. https://doi.org/10.1300/J082v12n02_01
- Dunkel, C. S., & Harbke, C. (2017). A review of measures of Erikson's stages of psychosocial development: Evidence for a general factor. *Journal of Adult Development*, 24(1), 58-76. <https://doi.org/10.1007/s10804-016-9247-4>
- Erikson, E. H. (1950/1993). *Childhood and society*. W. W. Norton & Company.
- Erikson, E. H. (1956). The problem of ego identity. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 4, 56-121. <https://doi.org/10.1177/000306515600400104>
- Erikson, E. H. (1968). *Identity, youth and crisis*. W. W. Norton & Company.
- Erikson, E. H., & Erikson, J. M. (1997). *The life cycle completed*. W. W. Norton & Company.
- Farrell, D. (1983). Exit, voice, loyalty, and neglect as responses to job dissatisfaction: A multidimensional scaling study. *The Academy of Management Journal*, 26(4), 596-607. <https://doi.org/10.5465/255909>

- Farrell, D., & Rusbult, C. E. (1981). Exchange variables as predictors of job satisfaction, job commitment, and turnover: The impact of rewards, costs, alternatives, and investments. *Organizational Behavior and Human Performance*, 27(1), 78-95. [https://doi.org/10.1016/0030-5073\(81\)90016-7](https://doi.org/10.1016/0030-5073(81)90016-7)
- Farrell, D., & Rusbult, C. E. (1992). Exploring the exit, voice, loyalty, and neglect typology: The influences of job satisfaction, quality of alternatives, and investment size. *Employee Responsibilities and Rights Journal*, 5(3), 201-218. <https://doi.org/10.1007/BF01385048>
- Ferguson, M., Carlson, D., Zivnuska, S., & Whitten, D. (2012). Support at work and home: The path to satisfaction through balance. *Journal of Vocational Behavior*, 80(2), 299-307. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2012.01.001>
- Findley, M. B., Carvallo, M., & Bartak, C. P. (2014). The effect of self-control on willingness to sacrifice in close relationships. *Self and Identity*, 13(3), 334-344. <https://doi.org/10.1080/15298868.2013.826595>
- Finkel, E. J., & Campbell, W. K. (2001). Self-control and accommodation in close relationships: An interdependence analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(2), 263-277. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.81.2.263>
- Finkel, E. J., Rusbult, C. E., Kumahiro, M., & Hannon, P. A. (2002). Dealing with betrayal in close relationships: Does commitment promote forgiveness? *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 956-974. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.82.6.956>
- Fornes, S. L., Rocco, T. S., & Wollard, K. K. (2008). Workplace commitment: A conceptual model developed from integrative review of the research. *Human Resources Development Review*, 7(3), 339-357. <https://doi.org/10.1177/1534484308318760>
- Frone, M. R. (2003). Work-family balance. In J. C. Quick, & L. E. Tetrick (Eds.), *Handbook of occupational health psychology* (pp. 143-162). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10474-007>
- Geurts, S. A. E., & Demerouti, E. (2002). Work/non-work interface: A review of theories and findings. In M. J. Schabracq, J. A. M. Winnubst, & C. L. Cooper (Eds.), *The handbook of work & health psychology* (2nd ed., pp. 279-312). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/0470013400.ch14>
- Gouldner, A. W. (1960). The norm of reciprocity: A preliminary statement. *American Sociological Association*, 25(2), 161-178. <https://doi.org/10.2307/2092623>
- Greenhaus, J. H., & Beutell, N. J. (1985). Sources of conflict between work and family roles. *Academy of Management Review*, 10(1), 76-88. <https://doi.org/10.2307/258214>
- Greenhaus, J. H., & Foley, S. (2007). The intersection of work and family lives. In H. Gunz & M. Peiperl (Eds.), *Handbook of career studies* (pp. 131-152). Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9781412976107.n8>
- Greenhaus, J. H., & Powell, G. N. (2005). When work and family are allies: A theory of work-family enrichment. *Academy of Management Review*, 31(1), 72-92. <https://doi.org/10.5465/amr.2006.19379625>
- Greenhaus, J. H., & Singh, R. (2004). Work-Family Relationships. In C. D. Spielberger (Ed.), *Encyclopedia of applied psychology* (Vol. 3, pp. 1-29). Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B0-12-657410-3/00682-6>
- Grzywacz, J. C., & Bass, B. L. (2003). Work, family, and mental health: Testing different models of work-family fit. *Journal of Marriage and Family*, 65(1), 248-261. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2003.00248.x>
- Hannah, M. T., Domino, G., Figueredo, J., & Hendrickson, R. (1996). The prediction of ego integrity in older persons. *Education and Psychological Measurement*, 56(6), 930-950. <https://doi.org/10.1177/0013164496056006002>
- Hearn, S., Saulnier, G., Strayer, J., Glenham, M., Koopman, R., & Marcia, J. E. (2012). Between integrity and despair: Toward construct validation of Erikson's eighth stage. *Journal of Adult Development*, 19(1), 1-20. <https://doi.org/10.1007/s10804-011-9126-y>
- Hill, P. L. & Burrow, A. L. (2012). Viewing purpose through an Eriksonian lens. *Identity*, 12(1), 74-91. <https://doi.org/10.1080/15283488.2012.632394>

- Hodgson, J. W., & Fischer, J. L. (1979). Sex differences in identity and intimacy development in college youth. *Journal of Youth and Adolescence*, 8(1), 37-50. <https://doi.org/10.1007/BF02139138>
- Holmes, J. G., & Rempel, J. K. (1989). Trust in close relationships. In C. Hendrick (Ed.), *Review of personality and social psychology: Close relationships* (Vol. 10, pp. 187-220). Sage Publications.
- Homans, G. C. (1958). Social behavior as exchange. *American Journal of Sociology*, 63(6), 597-606. <https://doi.org/10.1086/222355>
- Impett, E. A., Beals, K. P., & Peplau, L. A. (2001). Testing the investment model of relationship commitment and stability in a longitudinal study of married couples. *Current Psychology: A Journal for Diverse Perspectives on Diverse Psychological Issues*, 20(4), 312-326. <https://doi.org/10.1007/s12144-001-1014-3>
- Johnson, D. J., & Rusbult, C. E. (1989). Resisting temptation: Devaluation of alternative partners as a means of maintaining commitment in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 967-980. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.967>
- Kelley, H. H., & Thibaut, J. W. (1978). *Interpersonal relations: A theory of interdependence*. Wiley.
- Kooji, D. T. A. M., De Lange, A. H., Jansen, P. G. W., Kanfer, R., & Dikkers, J. S. E. (2011). Age and work-related motives: Results of a meta-analysis. *Journal of Organizational Behavior*, 32, 197-225. <https://doi.org/10.1002/job.665>
- Kroger, J. (2018). The epigenesis of identity – What does it mean? *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 18(4), 334-342. <https://doi.org/10.1080/15283488.2018.1523730>
- Kuther, T. L., & Burnell, K. (2019). A life span developmental perspective on psychosocial development in midlife. *Adultspan Journal*, 18(1), 27-39. <https://doi.org/10.1002/adsp.12067>
- Le, B., & Agnew, C. R. (2003). Commitment and its theorized determinants: A meta-analysis of the investment model. *Personal Relationships*, 10, 37-57. <https://doi.org/10.1111/1475-6811.00035>
- Leidy, N. K., & Darling-Fisher, C. S. (1995). Reliability and validity of the Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory in diverse samples. *Western Journal of Nursing Research*, 17(2), 168-187. <https://doi.org/10.1177/019394599501700205>
- Lin, Y.-H. W., & Rusbult, C. E. (1995). Commitment to dating relationships and cross-sex friendships in America and China. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(1), 7–26. <https://doi.org/10.1177/0265407595121002>
- Lopes, D. (2020). *Adaptação e validação da Investment Model Scale – Work Version à população portuguesa* [Manuscrito em preparação]. Departamento de Psicologia Social e das Organizações, ISCTE-IUL.
- MacMillan, H. S., Morris, M. L., & Atchley, E. K. (2011). Constructs of the work/life interface: A synthesis of the literature and introduction of the concept of work/life harmony. *Human Resource Development Review*, 10(1), 6-25. <https://doi.org/10.1177/1534484310384958>
- Martz, J. M., Verette, J., Arriaga, X. B., Slovick, L. F., Cox, C. L., & Rusbult, C. E. (1998). Positive illusion in close relationship. *Personal Relationships*, 5(2), 159-181. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1998.tb00165.x>
- McAdams, D. P., & St. Aubin, E. (1992). A theory of generativity and its assessment through self-report, behavioral acts, and narrative themes in autobiography. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62(6), 1003-1015. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.62.6.1003>
- Ochse, R., & Plug, C. (1986). Cross-cultural investigation of the validity of Erikson's theory of personality development. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(6), 1240-1252. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.6.1240>
- Oh, J. E. & Minichiello, V. (2013). Psychosocial development in South Korean couples and its effect on marital relationships. *Journal of Family Psychotherapy*, 24(3), 228-245. <https://doi.org/10.1080/08975353.2013.817264>
- Oliveira, J. S. (2005). *Desenvolvimento psicossocial e estilos de vinculação: Convergência e divergência de percepções de satisfação na família* [Tese de doutoramento, Universidade do Porto]. Repositório Aberto U. Porto. <https://hdl.handle.net/10216/22930>

- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows* (2ª ed.). Open University Press.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (2ª ed.). Edições Sílabo.
- Pfund, G. N., Brazeau, H., Allemand, M., & Hill, P. L. (2020). Associations between sense of purpose and romantic relationship quality in adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 37(5), 1563-1580. <https://doi.org/10.1177/0265407520903807>
- Pina, S. (2019). *Compromisso no trabalho e na relação amorosa: Estratégias integrativas e disruptivas de comportamento nas organizações*. [Tese de mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa]. Repositório do ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/18838>
- Putnam, D. E., Finney, J. W., Barkley, P. L., & Bonner, M. J. (1994). Enhancing commitment improves adherence to a medical regimen. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 62(1), 191-194. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.62.1.191>
- Reichard, R. J., Avey, J. B., Lopez, S., & Dollwet, M. (2013). Having the will and finding a way: A review and meta-analysis of hope at work. *The Journal of Positive Psychology*, 8(4), 292-304. <https://doi.org/10.1080/17439760.2013.800903>
- Reis, H. T., & Rusbult, C. E. (2004). *Close relationships*. Taylor & Francis. <https://doi.org/10.4324/9780203311851>
- Reis, H. T., Collins, W. A., & Berscheid, E. (2000). The relationship context of human behavior and development. *Psychological Bulletin*, 126(6), 844-872. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.126.6.844>
- Rempel, J. K., Holmes, J. G., & Zanna, M. P. (1985). Trust in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(1), 95-112. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.49.1.95>
- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2013). The Investment Model Scale (IMS): Further studies on construct validation and development of a shorter version (IMS-S). *The Journal of General Psychology*, 140(1), 16-28. <https://doi.org/10.1080/00221309.2012.710276>
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Oliveira, J. M. (2011). O modelo de investimento de Rusbult em relacionamentos amorosos hetero e homossexuais. *In-Mind Português*, 2(1-2), 1-11.
- Rodrigues, D., Lopes, D., Monteiro, L., & Prada, M. (2016). Perceived parent and friend support for romantic relationships in emerging adults. *Personal Relationships*, 24(1), 4-16. <https://doi.org/10.1111/pere.12163>
- Rosenthal, D. A., Gurney, R. M., & Moore, S. M. (1981). From trust to intimacy: A new inventory for examining Erikson's stages of psychosocial development. *Journal of Youth and Adolescence*, 10(6), 525-537. <https://doi.org/10.1007/BF02087944>
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16(2), 172-186. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(80\)90007-4](https://doi.org/10.1016/0022-1031(80)90007-4)
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(1), 101-117. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.45.1.101>
- Rusbult, C. E., & Buunk, B. P. (1993). Commitment processes in close relationships: An interdependence analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10(2), 175-204. <https://doi.org/10.1177/026540759301000202>
- Rusbult, C. E., & Farrell, D. (1983). A longitudinal test of the investment model: The impact of job satisfaction, job commitment, and turnover of variations in rewards, costs, alternatives, and investments. *Journal of Applied Psychology*, 68(3), 429-438. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.68.3.429>
- Rusbult, C. E., & Martz, J. M. (1995). Remaining in an abusive relationship: An investment model analysis of nonvoluntary dependence. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21(6), 558-571. <https://doi.org/10.1177/0146167295216002>
- Rusbult, C. E., & Van Lange, P. A. M. (2003). Interdependence, interaction, and relationships. *Annual Review of Psychology*, 54, 351-375. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.54.101601.145059>

- Rusbult, C. E., & Van Lange, P. A. M. (2008). Why we need interdependence theory. *Social and Personality Psychology Compass*, 2(5), 2049-2070. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2008.00147.x>
- Rusbult, C. E., Coolsen, M. K., Kirchner, J. I., & Clarke, J. A. (2006). Commitment. In A. L. Vangelist & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 615-635). Cambridge University Press.
- Rusbult, C. E., Johnson, D. J., & Morrow, G. D. (1986). Determinants and consequences of exit, voice, loyalty, and neglect: Responses to dissatisfaction in adult romantic involvements. *Human Relations*, 39(1), 45-63. <https://doi.org/10.1177/001872678603900103>
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The Investment Model Scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, 5(4), 357-391. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x>
- Rusbult, C. E., Olsen, N., Davis, J. L., & Hannon, P. A. (2004). Commitment and relationship maintenance mechanisms. In H. T. Reis & C. E. Rusbult (Eds.), *Close relationships: Key readings* (p. 287-303). Taylor & Francis.
- Rusbult, C. E., Verette, J., Whitney, G. A., Slovik, L. F., & Lipkus, I. (1991). Accommodation processes in close relationships: Theory and preliminary empirical evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(1), 53-78. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.60.1.53>
- Rusbult, C. E., Zembrodt, I. M., & Gunn, L. K. (1982). Exit, voice, loyalty, and neglect: Responses to dissatisfaction in romantic involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43(6), 1230-1242. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.43.6.1230>
- Sabatelli, R. M. (2009). Social exchange theory. In H. T. Reis & S. Sprecher (Eds.), *Encyclopedia of human relationships: Vol 3* (pp. 1521-1524). Sage Publications.
- Salvador, A. (2017). *Um salto da esfera interpessoal para o mundo laboral: Modelo do investimento de Rusbult aplicado às relações e ao trabalho, atitudes face à infidelidade e infidelidade objetiva*. [Tese de mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa]. Repositório do ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/15059>
- Schneider, I. K., Konijn, E. A., Righetti, F., & Rusbult, C. E. (2011). A healthy dose of trust: The relationship between interpersonal trust and health. *Personal Relationships*, 18(4), 668-676. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2010.01338.x>
- Schwartz, S. J. (2001). The evolution of Eriksonian and neo-Eriksonian identity theory research: A review and integration. *Identity: An International Journal of Theory Research*, 1(1), 7-58. <https://doi.org/10.1207/S1532706XSWHARTZ>
- Segal, N., & Fraley, R. C. (2016). Broadening the investment model: An intensive longitudinal study on attachment and perceived partner responsiveness in commitment dynamics. *Journal of Social and Personal Relationships*, 33(5), 581-599. <https://doi.org/10.1177/0265407515584493>
- Sheldon, K. M., & Kasser, T. (2001). Getting older, getting better? Personal strivings and psychological maturity across the lifespan. *Developmental Psychology*, 37(4), 491-501. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.37.4.491>
- Stanley, S. M., Markman, H. J., & Whitton, S. W. (2002). Communication, conflict, and commitment: Insights on the foundations of relationship success from a national survey. *Family Process*, 41(4), 659-675. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2002.00659.x>
- Starks, T. J., Doyle, K. M., Millar, B. M., & Parsons, J. T. (2017). Eriksonian intimacy development, relationship satisfaction, and depression on gay male couples. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 4(2), 241-250. <https://doi.org/10.1037/sgd0000225>
- Sugarman, L. (2001). *Life-span development: Frameworks, accounts and strategies* (2nd ed.). Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9780203626948>
- Thibaut, J. W., & Kelley, H. H. (1959). *The social psychology of groups*. Wiley.
- Tran, P., Judge, M., & Kashima, Y. (2019). Commitment in relationships: An updated meta-analysis of the investment model. *Personal Relationships*, 26, 158-180. <https://doi.org/10.1111/pere.12268>

- Van Lange, P. A. M., & Rusbult, C. E. (1995). My relationship is better than – and not as bad as – yours is: The perception of superiority in close relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21(1), 32-44. <https://doi.org/10.1177/0146167295211005>
- Van Lange, P. A. M., Rusbult, C. E., Drigotas, S. M., Arriaga, X. B., Witcher, B. S., & Cox, C. L. (1997). Willingness to sacrifice in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(6), 1373–1395. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.6.1373>
- Whitbourne, S. K., & Waterman, A. S. (1979). Psychosocial development during the adult years: Age and cohort comparisons. *Developmental Psychology*, 15(4), 373-378. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.15.4.373>
- Whitbourne, S. K., Elliot, L. B., & Waterman, A. S. (1992). Psychosocial development in adulthood: A 22-year sequential study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(2), 260-271. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.63.2.260>
- Whitbourne, S. K., Sneed, J. R., & Sayer, A. (2009). Psychosocial development from college through midlife: A 34-year sequential study. *Developmental Psychology*, 45(5), 1328-1340. <https://doi.org/10.1037/a0016550>
- Wieselquist, J., Rusbult, C. E., Foster, C. A., & Agnew, C. R. (1999). Commitment, pro-relationship behavior, and trust in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(5), 942-966. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.77.5.942>
- Yovetich, N. A., & Rusbult, C. E. (1994). Accomodative behavior in close relationships: Exploring transformation of motivation. *Journal of Experimental Social Psychology*, 30(2), 138-164. <https://doi.org/10.1006/jesp.1994.1007>

Anexos

Anexo A – Questionário Aplicado

No presente estudo, estamos interessados em obter informações sobre a forma como se vê a si próprio, aos outros e ao seu trabalho e ao/à seu/sua parceiro/a amoroso. Pedimos-lhe que leia com atenção todas as questões que lhe colocamos e que nos responda de forma sincera. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas.

De acordo com as normas da Comissão Nacional de Proteção de Dados, as suas respostas serão anónimas e a publicação dos dados que decorram deste estudo poderá ocorrer apenas em revistas científicas da especialidade.

A sua participação é muito importante porque vai permitir que os investigadores compreendam melhor a forma como se posiciona perante diferentes questões importantes da nossa vida. Este questionário tem uma duração média de 15 minutos.

A sua participação é voluntária e as suas respostas serão anónimas. Caso decida terminar a sua participação antes de concluir o questionário, basta fechar a janela do seu browser e as suas respostas não serão gravadas.

Antes de iniciar, confirme a seguinte informação:

1. Estou consciente de que a minha participação é voluntária e posso interromper em qualquer momento, simplesmente fechando a página
2. As minhas respostas serão anónimas e ninguém poderá aceder à minha identidade
3. As minhas respostas serão utilizadas exclusivamente para investigação e cedidas apenas pelos investigadores envolvidos no projeto
4. Sou maior de idade

O Concordo em participar

O Não concordo em participar

Questionário Sociodemográfico

Indique a sua nacionalidade

Qual é o seu sexo?

- Feminino
- Masculino
- Transexual

Qual a sua orientação sexual (se escolher a opção “Outra”, por favor, especifique qual)?

- Homossexual
- Bissexual
- Heterossexual
- Outra. Qual?

Quais as suas habilitações escolares? Por favor assinale o grau mais elevado que completou ou frequentou (se escolher a opção “Outro”, por favor, especifique qual)

- Ensino Primário ou 1º Ciclo
- Ensino Preparatório ou 2º Ciclo
- Ensino Unificado ou 3º Ciclo
- Bacharelato/Licenciatura
- Mestrado/Doutoramento
- Outro. Qual?

Qual é a sua situação perante o trabalho?

- Emprego permanente
- Emprego temporário
- Trabalhador/a Estudante
- Estudante
- Desempregado/a
- Reformado/a

DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL E COMPROMISSO NA RELAÇÃO AMOROSA E NO TRABALHO

O Doméstico/a

Em qual das seguintes categorias está incluída a sua profissão? (Pode escolher mais do que uma opção. Se escolher a opção “Outra”, por favor, especifique qual)

O Profissional das Forças Armadas

O Representantes do poder legislativo e dos órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos

O Especialistas das atividades intelectuais e científicas

O Técnicos/as e profissões de nível intermédio

O Pessoal administrativo

O Trabalhadores dos serviços pessoais de proteção e segurança e vendedores

O Agricultores/as e trabalhadores/as qualificados/as da agricultura, pesca e da floresta

O Trabalhadores/as qualificados/as da indústria, construção e artifices

O Operadores/as de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem

O Trabalhadores/as não qualificados/as

O Outra. Qual?

Há quanto tempo trabalha na sua empresa ou instituição? (Por favor especifique, se puder, anos e meses)

O cargo que ocupa na empresa ou instituição na qual trabalha atualmente inclui funções de chefia?

O Sim

O Não

Diga-nos, agora, qual é o seu estado civil

O Solteiro/a sem relação

O Solteiro/a numa relação

O Solteiro/a em união de facto

O Casado/a

O Viúvo/a

O Divorciado/a

Qual a duração da sua relação? (Por favor especifique “xx anos e xx meses”)

--

Vive com o/a seu/sua companheiro/a?

Sim

Não

Tem filhos?

Sim

Não

E qual a sua área de residencia?

Norte

Centro

Sul

Área Metropolitana de Lisboa

Área Metropolitana do Porto

Arquipélago dos Açores ou Madeira

Estrangeiro

Investment Model Scale – Work Version (IMS-W)

Pense agora no seu trabalho atual e responda, por favor, às questões que se seguem.

Gostaríamos agora que pensasse em eventuais alternativas ao seu trabalho atual. Com “alternativas” pretendemos dizer eventuais propostas de emprego que possa estar a considerar e que o/a levariam a deixar o seu trabalho atual. Se não possui este tipo de alternativas neste momento, por favor pense como se as tivesse. Dê-nos, agora, a sua resposta relativamente às questões que lhe apresentamos de seguida.

1. Tomando tudo em consideração, em que medida as alternativas ao seu emprego atual são boas ou más?

Muito más Muito boas

2. De uma forma geral, em que medida as alternativas ao seu emprego atual são compatíveis com o trabalho que exerce agora?

As alternativas são As alternativas são

piores do que o meu
trabalho atual

melhores do que o meu
trabalho atual

3. Em que medida as alternativas ao seu emprego atual correspondem ao seu emprego ideal?

As alternativas não correspondem nada ao meu emprego ideal As alternativas correspondem totalmente ao meu emprego ideal

De seguida gostaríamos que pensasse nos investimentos que fez e faz no seu trabalho atual. Com “investimentos” pretendemos dizer tempo, educação, formação, esforços pessoais, etc., que investiu no seu trabalho atual. Dê-nos, agora, a sua resposta relativamente às questões que lhe apresentamos de seguida.

4. De uma forma geral, quanto investiu no seu presente trabalho?

Nada Muito

5. Tomando tudo em consideração, em que medida considera que existem atividades, pessoas, eventos, bens associados ao seu trabalho que perderia se saísse deste emprego?

Perderia pouco Perderia muito

6. Como compara o investimento que faz no seu trabalho com o investimento que a maioria das pessoas que conhece fazem do trabalho delas?

Acho que investi menos do que a maioria das pessoas Acho que investi mais do que a maioria das pessoas

Vamos agora colocar-lhe algumas questões acerca da forma como se encontra satisfeito/a com o seu trabalho. Por favor responda às questões que lhe colocamos de seguida.

7. Tomando tudo em consideração, em que medida se encontra satisfeito/a com o seu trabalho atual?

Nada satisfeito/a Muito satisfeito/a

8. De uma forma geral, em que medida gosta do seu trabalho atual?

Não gosto nada Gosto muito

9. Sabendo o que sabe hoje, se tivesse que decidir quanto a aceitar o trabalho que tem neste momento, o que decidiria?

Nunca ficaria com este trabalho Ficaria com este trabalho sem hesitar

10. Se um/a amigo/a seu lhe dissesse que estaria interessado em empregar-se num trabalho semelhante ao seu, na mesma instituição ou empresa, o que lhe diria?

Diria para procurar outro sítio para se empregar Diria para se empregar na minha instituição ou empresa

11. Em que medida o seu trabalho atual se compara com o trabalho que idealmente gostaria de ter?

Está longe de ser o trabalho que idealmente gostaria de ter Está muito próximo de ser o trabalho que idealmente gostaria de ter

12. Em que medida o seu trabalho atual cumpre as expectativas do trabalho que desejava ter quando o aceitou?

Não é nada o tipo de trabalho que desejava É totalmente o tipo de trabalho que desejava

De seguida, dê-nos a sua resposta relativamente às questões que lhe colocamos.

13. Por quanto tempo deseja ficar neste seu trabalho atual?

Por um período curto de tempo Por um período longo de tempo

14. Com que probabilidade acha que vai deixar este seu trabalho atual?

Com uma baixa probabilidade Com uma elevada probabilidade

15. Qual o seu grau de compromisso relativamente a este seu trabalho atual?

Possui menos aspetos negativos Possui mais aspetos negativos

16. Em que medida se sente vinculado/a a este seu trabalho atual?

Não me sinto nada vinculado/a Sinto-me muito vinculado/a

Investment Model Scale – Short Version (IMS-S)

Pense no seu relacionamento amoroso atual e no/a seu/sua parceiro/a, e responda às questões que se seguem de acordo com o que sente.

	Discordo totalmente							Concordo totalmente
	1	2	3	4	5	6	7	
1. Sinto-me satisfeito/a com o meu relacionamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
2. O meu relacionamento está próximo do que considero ser ideal para mim	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
3. O meu relacionamento faz-me muito feliz	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
4. Outras pessoas com quem poderia envolver-me (que não o/a meu/minha parceiro/a) são muito apelativas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
5. As alternativas ao meu relacionamento são atraentes para mim (encontros românticos com outra pessoa, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
6. As minhas necessidades de intimidade, companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento alternativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
7. Eu investi tanto no meu relacionamento que acabaria por perder tudo se o	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	

relacionamento terminasse

	Discordo						Concordo
	totalmente						totalmente
	1	2	3	4	5	6	7
8. Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao/à meu/minha parceiro/a (atividades recreativas, etc.) e eu perderia tudo isso caso o meu relacionamento terminasse	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Sinto-me muito/a envolvido/a no meu relacionamento, uma vez que fiz grandes investimentos nele	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Desejo que o meu relacionamento dure por muito tempo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Estou comprometido/a a manter o meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Desejo que o meu relacionamento dure para sempre	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Estou motivado/a para que o meu relacionamento tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o/a meu/minha parceiro/a daqui a vários anos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory (MEPSI)

Gostaríamos agora de saber um pouco mais sobre si e sobre a forma como se vê e sente num conjunto de situações diferentes. De seguida vai encontrar algumas afirmações que correspondem a pensamentos que as pessoas podem ter acerca de si mesmas em certos momentos. Por favor leia cada afirmação e selecione a resposta que corresponde à frequência com que cada afirmação é verdadeira no seu caso. Certifique-se de que responde a todas as afirmações.

	Raramente verdadeiro	Ocasionalmente verdadeiro	Algumas vezes verdadeiro	Habitualmente verdadeiro	Quase sempre verdadeiro
1. Sou capaz de enfrentar as coisas à medida que elas surgem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Sou bastante trabalhador/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Não me sinto à vontade quando alguém começa a contar-me coisas íntimas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Sou terno/a e amigável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Acredito mesmo em mim próprio/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Mudo muito a opinião que tenho acerca de mim próprio/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Gosto de assumir responsabilidades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Tenho uma ideia clara do que quero ser	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Sinto-me confuso/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Acho este mundo muito confuso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Sinto-me culpado/a em relação a muita coisa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Sei em que ocasiões devo agradar aos outros e em que ocasiões devo agradar a mim próprio/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Sei bem quais as coisas importantes na vida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Raramente verdadeiro	Ocasionalmente verdadeiro	Algumas vezes verdadeiro	Habitualmente verdadeiro	Quase sempre verdadeiro
14. Não me parece que seja capaz de satisfazer as minhas ambições	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Parece que não tenho as capacidades que a maioria das pessoas tem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Consigo controlar bem as coisas que se passam na minha vida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. Sei que tipo de pessoa sou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18. Receio perder o controlo dos meus sentimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19. Ao olhar para a minha vida, sinto necessidade de recuperar o tempo perdido	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20. Sinto que tenho a sabedoria e experiência para ser útil aos outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21. Sinto que deixei a minha marca no mundo através dos meus filhos/trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
22. Dependo das ideias das outras pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
23. Acho que, no fundo, sou mau/má	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
24. As outras pessoas compreendem-me	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
25. Não consigo decidir o que quero fazer da minha vida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
26. Para mim é importante abrir-me completamente com os meus amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27. Passo bastante tempo a pensar acerca de mim próprio/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
28. Acho que as coisas boas nunca duram muito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29. Sinto que sou útil aos outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
30. Guardo para mim os meus verdadeiros pensamentos e sentimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
31. Arrependo-me muito daquilo em que eu me poderia ter tornado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL E COMPROMISSO NA RELAÇÃO AMOROSA E NO TRABALHO

	Raramente verdadeiro	Ocasionalmente verdadeiro	Algumas vezes verdadeiro	Habitualmente verdadeiro	Quase sempre verdadeiro
32. Sou uma pessoa enérgica, que faz muitas coisas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
33. Estou a esforçar-me muito por atingir os meus objetivos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
34. As coisas geralmente correm-me bem e as pessoas dão-se bem comigo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
35. Receio envelhecer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
36. Acho que o mundo e as pessoas, no fundo, são bons	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
37. Tenho vergonha de mim próprio/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
38. No meu trabalho sou bom/boa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
39. Acho que é um disparate envolvermo-nos demasiado com as pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
40. As pessoas tentam aproveitar-se de mim	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
41. Gosto de mim próprio/a e tenho orgulho dos princípios que defendo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
42. Sinto que há um propósito na minha vida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
43. Sinto-me desadequado/a nas minhas interações com os outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
44. Acontece-me dar por mim à espera que aconteça o pior	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
45. Preocupo-me muito com os outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
46. Os meus sucessos e falhas são, maioritariamente, consequência das minhas próprias ações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
47. Quando estou com os outros, preciso de manter uma fachada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
48. Não me sinto verdadeiramente empenhado/a, envolvido/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
49. Não consigo dar sentido à minha vida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Raramente verdadeiro	Ocasionalmente verdadeiro	Algumas vezes verdadeiro	Habitualmente verdadeiro	Quase sempre verdadeiro
50. É importante para mim sentir que fiz um contributo na vida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
51. Há muitas coisas na minha vida das quais me arrependo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
52. Desperdiço muito do meu tempo de um lado para o outro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
53. Sou tão bom/boa como os outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
54. Gosto de ser eu a fazer as minhas próprias escolhas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
55. Não suporto as outras pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
56. Sinto-me em paz com a minha vida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
57. Não confio nos meus juízos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
58. No fundo sou uma pessoa só	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
59. Consigo lidar bem com as coisas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
60. Tenho dificuldade em relacionar-me com pessoas diferentes de mim	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
61. Não sou muito bom/boa nas coisas que exigem raciocínio ou competência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
62. Mantenho uma estreita relação física e emocional com outra pessoa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
63. Não sei bem o que ando aqui a fazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
64. Persisto nas coisas até ao fim	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
65. Sou mais um/a seguidor/a do que um/a líder	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
66. Tenho dificuldade em tomar decisões	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
67. Confio nas pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
68. Gosto de assumir riscos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL E COMPROMISSO NA RELAÇÃO AMOROSA E NO TRABALHO

	Raramente verdadeiro	Ocasionalmente verdadeiro	Algumas vezes verdadeiro	Habitualmente verdadeiro	Quase sempre verdadeiro
69. Preocupo-me com a forma como os outros me vêem	O	O	O	O	O
70. É mais importante trabalhar em prol das pessoas de quem gosto do que trabalhar apenas para mim mesmo/a	O	O	O	O	O
71. Gosto de novas aventuras	O	O	O	O	O
72. Prefiro não revelar demasiado de mim próprio/a aos outros	O	O	O	O	O
73. Se pudesse viver a minha vida de novo, mudaria pouca coisa	O	O	O	O	O
74. Não levo as coisas até ao fim	O	O	O	O	O
75. Gosto de descobrir novos lugares e coisas novas	O	O	O	O	O
76. Não faço muitas coisas	O	O	O	O	O
77. Acho fácil fazer bons amigos	O	O	O	O	O
78. Não consigo tomar decisões por mim próprio/a	O	O	O	O	O
79. Ao olhar para a minha vida, compreendo que os meus pais fizeram o melhor que podiam por mim	O	O	O	O	O
80. Orgulho-me do que alcancei na minha vida	O	O	O	O	O

Anexo B – Matriz de Correlações das Variáveis em Estudo para a Amostra Total

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. Idade	-										
2. Sexo ^a	0,06	-									
3. Antiguidade Organizacional	0,75***	-0,02	-								
4. Cargo de Chefia ^b	-0,12	-0,04	-0,16*	-							
5. Duração da Relação	0,76***	-0,05	0,69***	0,04	-						
6. Coabitação ^c	-0,37***	0,05	-0,26***	0,15*	-0,33***	-					
7. Filhos ^d	-0,56***	0,08	-0,46***	0,12	-0,53***	0,39***	-				
8. Compromisso na Relação	-0,09	0,01	-0,09	0,04	-0,09	-0,06	-0,02	-			
9. Satisfação na Relação	-0,12	0,06	-0,09	0,04	-0,08	0,01	0,07	0,74***	-		
10. Investimento na Relação	-0,06	0,18**	-0,12	0,07	0,06	-0,04	0,004	0,30***	0,22***	-	
11. Alternativas à Relação	-0,02	0,18**	-0,01	-0,16*	-0,03	0,03	0,12	-0,41***	-0,35***	-0,16*	-
12. Compromisso no Trabalho	0,19**	-0,07	0,22**	-0,15*	0,17*	-0,002	-0,12	0,09	0,04	0,02	-0,03
13. Satisfação no Trabalho	-0,02	-0,03	-0,06	-0,04	0,03	0,10	-0,03	0,06	0,08	0,08	-0,07
14. Investimento no Trabalho	0,05	-0,16*	0,11	-0,17*	0,06	-0,03	-0,11	0,18*	0,14*	0,02	-0,05
15. Alternativas de Trabalho	0,05	-0,06	0,01	-0,3	0,05	-0,07	-0,09	0,02	0,02	-0,05	0,06
16. MEPSI	0,16*	0,02	0,01	-0,05	0,11	0,06	-0,15*	0,05	0,17*	-0,14*	-0,04
17. Confiança – Desconfiança	0,12	0,04	-0,01	0,02	0,11	0,11	-0,07	0,00	0,14*	-0,13	0,01
18. Autonomia – Vergonha e Dúvida	0,16*	0,04	0,05	-0,11	0,10	0,02	-0,12*	-0,03	0,08	-0,13	0,04
19. Iniciativa – Culpa	0,20**	0,10	0,10	-0,20**	0,10	0,04	-0,13*	-0,04	0,05	-0,20**	0,07
20. Indústria – Inferioridade	0,07	-0,02	-0,05	-0,04	0,03	0,08	-0,06	0,03	0,16*	-0,11	-0,11
21. Identidade – Confusão	0,15*	0,02	0,02	-0,08	0,12	0,02	-0,13*	-0,01	0,12	-0,14*	-0,03
22. Intimidade – Isolamento	-0,07	-0,03	-0,08	0,18*	-0,07	0,12	-0,01	0,19**	0,18**	0,07	-0,08
23. Generatividade – Estagnação	0,26***	-0,03	0,13	-0,05	0,24**	-0,09	-0,30***	0,90	0,18**	-0,08	-0,11
24. Integridade – Desespero	0,10	-0,02	-0,08	-0,05	0,07	0,08	-0,11	0,09	0,16*	-0,14*	-0,04
25. Índice de Match de Compromisso	-0,16*	0,04	-0,17*	0,13	-0,14	-0,04	0,02	0,67***	0,51***	0,21**	-0,29***

DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL E COMPROMISSO NA RELAÇÃO AMOROSA E NO TRABALHO

Variável	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
11. Alternativas à Relação											
12. Compromisso no Trabalho	-										
13. Satisfação no Trabalho	0,69***	-									
14. Investimento no Trabalho	0,27***	0,23***	-								
15. Alternativas de Trabalho	-0,22***	-0,20**	0,18**	-							
16. MEPSI	0,29***	0,29***	0,27***	-0,01	-						
17. Confiança – Desconfiança	0,19**	0,21**	0,12	-0,05	0,80***	-					
18. Autonomia – Vergonha e Dúvida	0,25***	0,21**	0,22**	0,04	0,84***	0,60***	-				
19. Iniciativa – Culpa	0,15*	0,12	0,21**	0,04	0,81***	0,58***	0,78***	-			
20. Indústria – Inferioridade	0,24***	0,26***	0,30***	0,02	0,80***	0,48***	0,68***	0,67***	-		
21. Identidade – Confusão	0,31***	0,29***	0,19**	-0,04	0,85***	0,63***	0,70***	0,64***	0,67***	-	
22. Intimidade – Isolamento	0,11	0,14*	0,12	-0,08	0,57***	0,49***	0,32***	0,28***	0,33***	0,32***	-
23. Generatividade – Estagnação	0,31***	0,32***	0,32***	0,01	0,82***	0,58***	0,65***	0,59***	0,65***	0,70***	0,37***
24. Integridade – Desespero	0,21**	0,24***	0,19**	0,01	0,80***	0,64***	0,56***	0,55***	0,57***	0,67***	0,43***
25. Índice de Match de Compromisso	-0,68***	-0,45***	-0,04	0,22**	-0,12	-0,09	-0,15*	-0,08	-0,10	-0,23**	0,11

Variável	23	24	25
19. Iniciativa – Culpa			
20. Indústria – Inferioridade			
21. Identidade – Confusão			
22. Intimidade – Isolamento			
23. Generatividade – Estagnação	-		
24. Integridade – Desespero	0,61***	-	
25. Índice de Match de Compromisso	-0,13	-0,06	-

Nota. N = 304. MEPSI = Modified Erikson Psychosocial Stage Inventory.

^a 0 = Feminino. ^b 1 = Sim. ^c 0 = Não. ^d 1 = Sim.

* $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$